



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
CAMPUS DE LARANJEIRAS
ARQUEOLOGIA BACHARELADO

MONOGRAFIA:

**Estudo das práticas funerárias do Sítio Justino, Canindé do São Francisco –
SE**

Adriana dos Santos Guimarães

Laranjeiras

2018

ADRIANA DOS SANTOS GUIMARÃES

**Estudo das práticas funerárias do Sítio Justino, Canindé do São Francisco –
SE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Arqueologia (DARQ)
da Universidade Federal de Sergipe como
parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Bacharel em
Arqueologia.

**Orientador: Prof. Drº Paulo Jobim de
Campos Mello**

LARANJEIRAS-SE

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me abençoar com força, saúde e coragem para chegar ao fim do curso.

Agradeço ao meu Orientador, Paulo Jobim, pelos ensinamentos, orientação e paciência. Obrigada!

Agradeço aos professores do curso pela bagagem de conhecimento adquiridos durante o curso, em especial ao meu orientador, a Professora Olivia e ao professor Alberico.

Agradeço a minha mãe Aparecida, por ser tão companheira e sempre acreditar em mim, por sempre me incentivar e não permitir que eu desistisse nas dificuldades. Agradeço ao meu Pai Raimundo e ao meu irmão Junior pelo apoio e companheirismo. Vocês me fazem querer ser melhor todos os dias, amo vocês infinitamente.

Agradeço ao meu amigo, namorado e companheiro de todas as horas Alex, por esta sempre ao meu lado me apoiando, me incentivando e me ajudando nessa caminhada.

Agradeço ao meu primo Dionísio, pois sem a ajuda dele não teria chegado até aqui.

Agradeço aos amigos que se fizeram presentes ao longo de toda vida acadêmica, e tantos outros que foram e continuaram sendo importantes na minha vida.

Enfim, muito obrigada a todos que participaram direta e indiretamente desta conquista.

.

RESUMO

Este trabalho busca identificar possíveis mudanças nos rituais funerários produzidos por grupos caçadores-coletores e horticultores que ocuparam o Sítio Justino em torno de 8950 – 1330 AP, identificado na região arqueológica de Xingó. A principal finalidade deste estudo é compreender os processos de continuidade e mudanças na pré-história do Justino, com base nas práticas funerárias e seus respectivos significados, através de dados recolhidos a partir de levantamento bibliográfico. Na metodologia realizamos uma análise comparativa dos sepultamentos, com o objetivo de compreender como se organizavam em proporção de sexo e idade e como era produzido seu acompanhamento funerário. Apesar dos sepultamentos do Justino apresentarem características semelhantes, como no acompanhamento funerário, os resultados sugerem que cada grupo possuía características únicas na produção destes contextos, que são representados por objetos diferenciadores.

Palavras-chaves: Práticas funerárias; Análise comparativa; Objetos diferenciadores

ABSTRACT

This work seeks to identify possible changes in the funerary rituals produced by hunter-gatherers and horticulturalists groups that occupied the Justino site around 8950 – 1330 AP, identified in the archaeological region of Xingó. The main purpose of this study is to understand the processes of continuity and changes in the prehistory of Justino, based on funeral practices and their respective meanings, through data collected from bibliographic survey. In the methodology we carried out a comparative analysis of the burials, aiming to understand how they were organized in proportion of sex and age and how their funeral accompaniment was Produced. Despite the burials of Justino presenting similar characteristics, as in the funeral accompaniment, the results suggest that each group possessed unique characteristics in the production of these contexts, which are represented by objects Differentiators.

Keywords: Funeral practices; Comparative analysis; Differentiating objects

LISTA DE FIGURAS

Figura	pag.
1. 1 Área 3 dos sítios arqueológicos de Xingó.....	15
2. Ilustração das trincheiras adotadas para o Justino em conjunto com a metodologia de escavação por grandes áreas.....	17
3. Foto da escavação do Sítio Justino.....	21
4. Foto da estratificação em profundidade do sítio Justino.....	22
5. Ilustração do perfil do Sítio Justino.....	23
6. Ilustração do Resumo da Classificação dos Ritos com base nas classificações de Van Gennep.....	39

LISTA DE TABELA

Tabela	pag.
--------	------

- | | |
|-----------------------------------------------------------|----|
| 1. Sepultamentos com contexto funerário diferenciado..... | 57 |
|-----------------------------------------------------------|----|

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico

pag.

1. Porcentagem dos Indivíduos sepultados em cada cemitério do Justino.....	44
2. Diagnose de sexo do cemitério A.....	45
3. Diagnose de idade do cemitério A.....	46
4. Diagnose de sexo e idade do cemitério A.....	47
5. Diagnose de sexo do cemitério B.....	47
6. Diagnose de idade do cemitério B.....	48
7. Diagnose de sexo e idade do cemitério B.....	49
8. Diagnose de sexo do cemitério C.....	49
9. Diagnose de idade do cemitério C.....	50
10. Diagnose de sexo e idade do cemitério C.....	51
11. Diagnose de sexo do cemitério D.....	52
12. Diagnose de idade do cemitério D.....	52
13. Diagnose de sexo e idade do cemitério D.....	53
14. Diagnose de sexo do Sítio Justino.....	54
15. Diagnose de idade do Sítio Justino.....	55
16. Diagnose de sexo e idade do Sítio Justino.....	56

SUMÁRIO

RESUMO	13
ABSTRACT	14
LISTA DE FIGURAS	15
LISTA DE TABELA	16
LISTA DE GRAFICOS	17
INTRODUÇÃO.....	10
1.0 GRUPOS CERAMISTAS DO NORDESTE	12
2.0 OS TRABALHOS EM XINGÓ	15
2.1 SÍTIO JUSTINO.....	19
2.2 CEMITERIOS DO JUSTINO.....	24
3.0 RITOS.....	32
3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS RITOS FUNERÁRIOS	34
3.2 RITUAIS FUNERARIOS.....	38
4.0 RITUAIS FUNERARIOS NO JUSTINO	42
5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERENCIAS.....	60
ANEXO.....	64

INTRODUÇÃO

Rituais funerários são constituídos por um conjunto de manifestações coletivas ocasionadas pela morte de membro de um grupo. Essas manifestações ritualísticas geralmente são representadas por objetos materiais com grande valor simbólico, que muitas vezes não se preservam no contexto arqueológico (SENE,2003).

No início do século XX, surgiu a necessidade de métodos interpretativos voltados ao estudo das práticas funerárias da pré-história. Para isso houve a necessidade de um aperfeiçoamento de técnicas de aspectos sócio-culturais, que passaram a ter foco não só em dados materiais, mas também incluindo dados biológicos, como diagnose de sexo, idade e algumas modificações ósseas e dentarias, e dados referente as ciências biológicas (SILVA, 2005).

Os contextos funerários nos auxiliam na compreensão de informações sobre as relações entre gêneros e idade, para isso o arqueólogo deve observar possíveis aspectos que envolvem essas diferenças, seja na orientação da cova ou preparação da mesma, neste contexto iremos observar essas possíveis diferenças na disposição do enxoval fúnebre dos acompanhamentos funerários (SILVA, 2005).

Para isso não nos é fundamental compreender o modo de fabricação dos objetos associados aos sepultamentos, mas sim compara-los afim de que nos possibilitem a identificação de mudanças nas oferendas e organização dos sepultamentos (SILVA, 2005).

Este trabalho é um estudo comparativo de rituais funerários dos grupos caçadores-coletores e agricultores-ceramistas que ocuparam o sítio Justino. O trabalho realizado no sítio possibilitou a evidenciação de quatro cemitérios indígenas, sendo três referentes a grupos agricultores ceramistas e um sendo do grupo caçador-coletor. No presente trabalho consideraremos alguns aspectos como sexo (masculino, feminino, indeterminado), a idade (criança, adulto jovem, maior de 35 anos e indeterminado) e os acompanhamentos funerários, e veremos como eles variam, em proporção (sexo e idade) e qualidade (acompanhamentos), nos diferentes cemitérios (SENE, 2003).

Para isso elaboramos o seguinte questionamento: quais são as mudanças ou semelhanças presentes nos contextos funerários dos grupos caçadores-coletores e horticultores que habitaram o Sítio Justino?

Nosso objetivo geral é compreender os processos de continuidade e mudanças na pré-história do Sítio Justino, com base nas práticas funerárias e seus respectivos significados, afim de tentar identificar os traços ou marcadores de identidade coletiva representadas nas estruturas funerárias dos cemitérios. Para isso estabelecemos os seguintes objetivos específicos: buscar em textos, artigos ou monografias que nos forneçam dados referente aos contextos funerários do Justino; identificar as recorrências nos elementos da estrutura funerária, avaliar se existe uma continuidade e identificar elementos que caracterize uma classe de indivíduos, seja idade, sexo ou status.

Para isso foram elaborados tabelas e gráficos a partir de dados obtidos através de documentação bibliográfica desenvolvida durante o Projeto Arqueológico de Xingó-PAX e posteriormente, com livros, artigos e monografias, que tiveram como tema principal os sepultamentos identificados no Sítio Justino. A partir destes dados foram analisados aspectos similares e diferenças no interior das práticas funerárias desses grupos.

Assim, no primeiro capítulo apresentamos o contexto histórico das pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Nordeste sobre os grupos ceramistas. Os primeiros trabalhos científicos desenvolvidos pelo PRONAPA, que passou a trabalhar a cerâmica como principal artefato para a determinação de culturas pré-históricas.

No segundo capítulo falamos sobre as etapas dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na área arqueológica de Xingó; apresentamos o Sítio Justino, sua localização, formação geológica e metodologia de campo, além da diversidade de vestígios; em outra seção apresentamos as práticas funerárias desenvolvidas nos quatros cemitérios que entregam o Justino, buscando compreender as principais características dos enterramentos em cada cemitério.

Em seguida, no terceiro capítulo discutimos o conceito de “ritos”; apresentamos as principais classificações e interpretações dadas aos rituais, a partir de um viés antropológico discutido por Van Gennep (2001); apresentamos o contexto histórico dos “rituais funerários” e discutimos seu conceito.

No capítulo quatro, desenvolvemos gráficos dos quatros cemitérios a partir das informações obtidas através do levantamento bibliográfico, com as seguintes informações: sexo, faixa etária, sexo e faixa etária. A partir desses dados, realizamos a análise comparativa

dos sepultamentos produzidos em cada cemitério, afim de determinar possíveis diferenças ou semelhanças das práticas funerárias.

Por fim, nas “considerações finais”, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos através desta pesquisa, o qual retoma os principais aspectos apresentados, visando responder os objetivos propostos no desenvolvimento da pesquisa.

1.0 GRUPOS CERAMISTAS DO NORDESTE

Os primeiros estudos científicos arqueológicos sobre a pré-história do Nordeste deram-se a partir dos anos 60, com as pesquisas realizadas pelo PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), que iniciaram em 1965 e foram concluídas na década de 1970 (NASCIMENTO, ALVES E LUNA, 1990). Para os sítios cadastrados durante as pesquisas do PRONAPA foram definidas duas tradições ceramistas de ampla dispersão: a Tupiguarani e a Aratu. A definição destas duas tradições, possibilitou a filiação de toda cerâmica pré-histórica identificada, como sendo de uma ou outra tradição. Observou-se que a cerâmica se tornou elemento essencial para caracterizar culturas pré-históricas (NASCIMENTO, ALVES E LUNA, 1990). Para Martin (2008) devem-se evitar essas conclusões antecipadas, pois para estabelecer classificações é necessário estudar as cerâmicas relacionando-as com os seus contextos arqueológicos, e evitar generalizações simplistas.

Calderón mapeou 33 sítios da tradição Tupiguarani, dos quais 11, situados na Bahia, ele definiu como sendo filiados à fase Coribe da sub-tradição escovada e corrugada. Outros 6 sítios localizados na chapada Diamantina foram definidos como pertencentes à fase Itapicuru (MARTIN, 2008). Nos anos 60, Calderón estabeleceu a tradição Aratu, a partir de prospecções efetuadas nos estados de Bahia, Sergipe e Pernambuco. Essa tradição possuía características distintas da Tupiguarani, pois além da cerâmica diferente ela estava situada em níveis mais antigos, e continha indícios de uma população mais densa e com longas durações (CARVALHO, 2003).

Nesta mesma linha de pesquisa, Albuquerque (1991a), em seu levantamento arqueológico em Pernambuco, identificou diversos sítios em diferentes contextos, que lhe permitiu definir diferentes fases filiadas à tradição Tupiguarani para áreas distintas: nas áreas de mangue foi definida a fase Tejucupapo (sem cronologia), na restinga a fase Itapacurá

(primeira metade do século XVI), na região semi-árida as fases Croatá e Araripe (ambas sem cronologias) e na zona da mata foram definidas três fases: a Cangaça (510- 150 AP), Quipapá (sem cronologia) e Capibaribe (2130- 400 AP) filiadas a sub-tradição pintada.

No Rio Grande do Norte as pesquisas arqueológicas foram iniciadas também na década de 1960, através do mapeamento realizado por Nasser, onde foram localizados 18 sítios cerâmicos, entre aldeias e cemitérios, que ele definiu como fase Curimataú filiada a sub-tradição pintada da tradição Tupiguarani. Já no município de Senador Georgino Avelino, esse mesmo autor identificou um sítio com duas ocupações distintas, onde a mais recente apresentava características da mesma fase ou tipo Curimataú, enquanto a mais antiga continha evidências de uma ocupação mais longa e intensa, além de uma cerâmica distinta das demais, e que foi definida por ele como fase Papeba, não filiada a nenhuma tradição (MARTIN, 2008).

Já no estado de Sergipe, o levantamento e mapeamento de sítios arqueológicos foi iniciado a partir da década de 80 através do Projeto de levantamento e mapeamento dos sítios Arqueológicos do estado de Sergipe (PMSAS), que resultou na identificação de diversos sítios no estado. Posteriormente Carvalho (2003) propôs três tradições presente no estado: a Aratu (800 a 1700 AP), presente na grande maioria dos sítios arqueológicos de Sergipe, a Tupiguarani (900 a 1900 AP), identificado apenas no Sítio Arqueológico Machado, em Pacatuba, e a Canindé, material cerâmico com cronologia 4.340 a 1.280 AP, localizada em terraços do rio São Francisco durante a construção da UHE-Xingó, e nos municípios de Canindé.

Foi a partir deste momento que as pesquisas arqueológicas conquistaram maior espaço no Estado de Sergipe, a partir do projeto Arqueológico de Xingó onde houve um aprofundamento maior com a descoberta de diversos Sítios arqueológicos, durante da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, no rio São Francisco (SILVA, 2013).

O projeto foi subdividido em duas etapas: a primeira foi pelo Projeto Arqueológico de Xingó (PAX), sob a responsabilidade da Universidade Federal de Sergipe. Foi desenvolvida por mais de 10 anos, e financiada pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), empresa responsável pela instalação da Usina, que atuou entre os anos de 1988 – 1994. A equipe de Arqueologia foi responsável tanto pelo levantamento e o cadastramento de Sítios quanto pelas sondagens e escavações dos mesmos (LUNA, 2006). A segunda etapa, já com o apoio da PETROBRAS, responsável pela análise dos vestígios resgatados na primeira etapa, foi

desenvolvida entre os anos de 1995 – 2000, dando continuidade as pesquisas na área da barragem até a foz do rio São Francisco (SILVA, 2013).

Durante os processos de sondagens e escavações foram registrados 56 sítios arqueológicos na área de Xingó, classificados como sendo 28 sítios de acampamento, 11 sítios de habitação, 2 sítios considerados como habitação e cemitério (São José e Justino) e 15 sítios de registros gráficos (DINIZ, 1998).

Conforme a concentração de Sítios evidenciados durante as escavações, a região foi dividida em três áreas distintas: área 1 que se estende de Paulo Afonso até os afloramentos da formação Tacaratu, com canyon que apresenta paredes retilíneas e verticalizadas, com predomínio de rocha sã aflorante, área 2 localizada desde a formação Taracatu até o riacho Portão, área escavada por solapamento das margens, tendo como causa o turbilhamento das águas, e área 3 (Figura 1) situada entre o riacho Portão até o município de Piranhas, formado por um conjunto de 16 Sítios arqueológicos, incluindo o Justino (FAGUNDES, 2007b) , o qual iremos trabalhar.

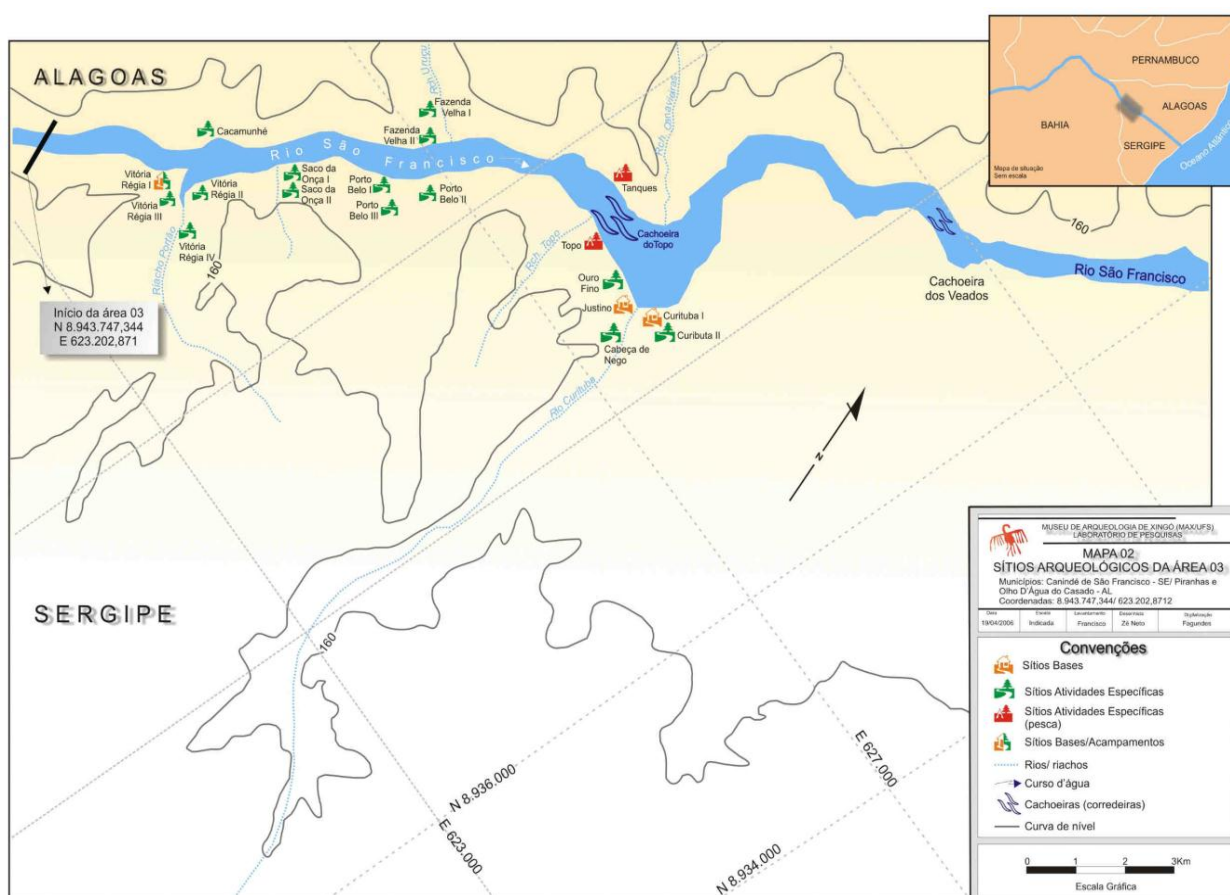


Figura 1: Área 3 dos sítios arqueológicos de Xingó (Fonte: FAGUNDES, 2010a).

Iremos trabalhar com mais detalhe a área arqueológica de Xingó, devido a mesma ser a região mais trabalhada no estado de Sergipe. Além de que foi a área que mais forneceu dados a respeito da pré-história do estado.

2.0 OS TRABALHOS EM XINGÓ

“A pesquisa arqueológica no Estado de Sergipe ganhou uma nova dimensão a partir do projeto de salvamento efetuado na área diretamente afetada pela a barragem de Xingó, no baixo São Francisco” (DANTAS, 2005:25). O potencial arqueológico de Xingó teve seus primeiros indícios na década de 80, com a descoberta dos primeiros sítios arqueológicos durante o projeto de prospecção desenvolvido pelo Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Devido a isso entre 1988 e 1994, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco -CHESF em companhia da Universidade Federal de Sergipe- UFS desempenhou o levantamento e cadastramento dos sítios e efetuou as sondagens e o resgate do material arqueológico da área que seria inundada (DANTAS,2005).

Durante os primeiros anos de pesquisa, o projeto contou com parceria de diversos especialistas, tanto na etapa de campo quanto de laboratório. Após um período de pausa nos trabalhos, a pesquisa retorna em 1991 sob uma nova coordenação, com orientação e consultoria da Fundação do Homem Americano – FUNDHAM (SILVA, 2017). “Nesse mesmo período também foram firmados convênios com outras instituições federais, como a Universidade Federal de Pernambuco, que cedeu profissionais especializados; a Universidade Federal de Alagoas, a Universidade Federal da Bahia, e com a Petrobras, essa mais tarde, em 1995” (DANTAS, 2005:25).

O projeto teve como resultado a descoberta diversos sítios arqueológicos, tendo como achados mais importantes do projeto a descoberta do sítio Justino, na margem sergipana e do sítio São José, no lado alagoano (MARTIN, 1998).

Segundo os dados presentes nos relatórios, para todos os sítios foram utilizados os mesmos processos metodológicos, com a realização de sondagens, seguido de decapagens por níveis artificiais, em trincheiras de no mínimo 2m de largura e comprimento tendo como base o terraço onde localizava-se o sítio (Figura 7). Desça forma, a pouca quantidade de material identificado em determinados sítios está relacionada a um curto período de estadia dos grupos pré-históricos nesses locais (LUNA, 2005)

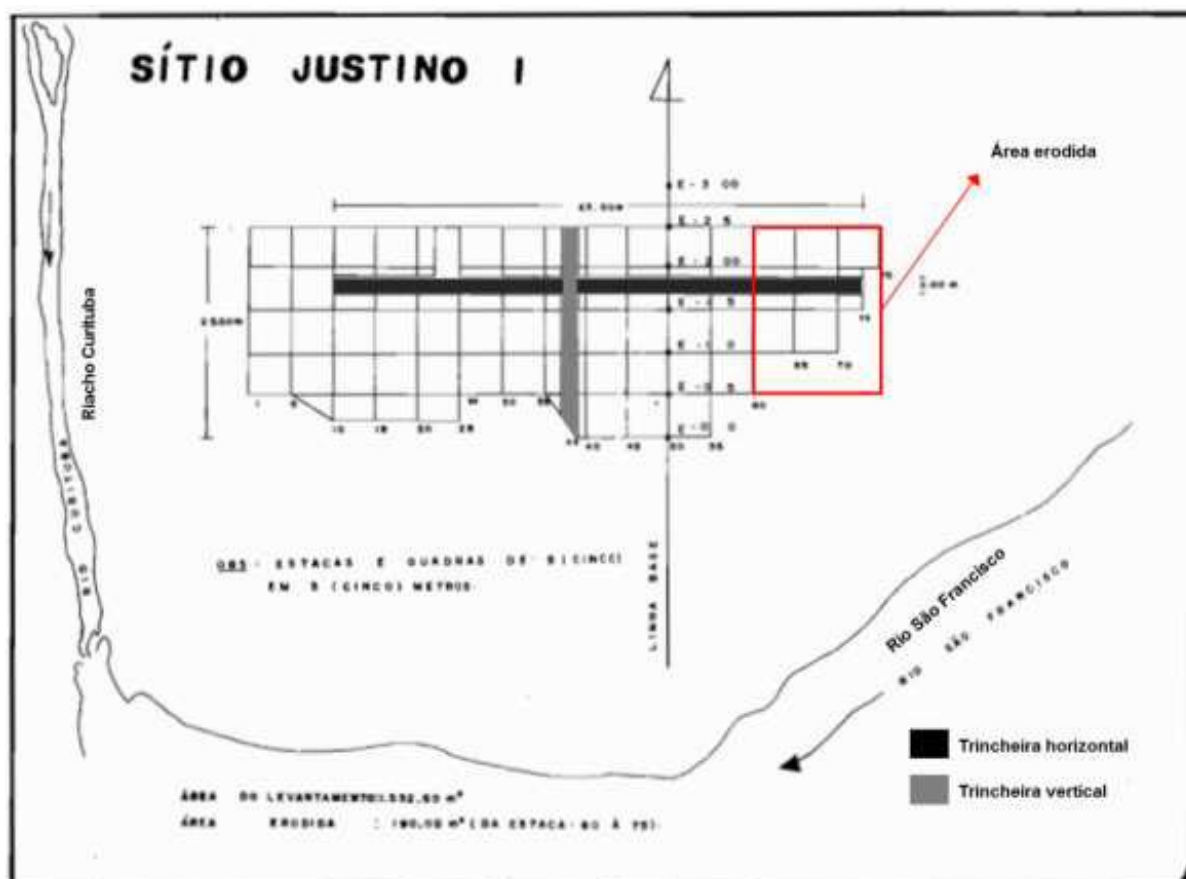


Figura 2: Ilustração das trincheiras adotadas para o Justino em conjunto com a metodologia de escavação por grandes áreas (Fonte: SILVA, 2017)

Os procedimentos metodológicos usados no decorrer do projeto, foram executados a partir de três etapas em sequencias, sendo determinada em função do potencial arqueológico de cada área. Inicialmente foi promovido a etapa de prospecção, onde “são levantados dados bibliográficos sobre a região, cartas aerofotogramétricas e topográficas, sendo essas últimas para compreender quais as cotas de níveis que o reservatório atingiria, e, conseqüentemente, as áreas que seriam alagadas”, tendo como objetivo “identificar as áreas com potencial arqueológico e os indicativos de sítios observando através da presença de vestígios em superfície e, as áreas de terraços que seriam mais propícias para estabelecimento de grupos humanos, em caráter de acampamento ou habitação” (SILVA, 2017: 66,67).

Em um segundo momento foi realizada a etapa de sondagens, visando a identificação dos vestígios arqueológicos no plano vertical, além de evidenciar os registros estratigráficos, responsável por preservar parte das informações do sítio. Para esse procedimento foi utilizado técnicas de decapagens por níveis artificiais. Vergner (2004) “descreve em sua publicação as

aberturas de trincheiras nas áreas delimitadas como sítios dentro da etapa de sondagem, com exceção dos sítios Justino e São José II, classificados enquanto sítios-cemitérios, que obtiveram adaptações metodológicas” (SILVA,2017: 67).

A terceira etapa foi o processo de escavação dos sítios identificados nas etapas anteriores. Nesse momento dois sítios se destacaram, classificados como sítios-cemitérios, devido à grande quantidade de sepultamentos humanos. Diante disso, foram tratados de forma diferenciada. A princípio os sítios foram tratados com a mesma metodologia que os demais, porem a aparição dos esqueletos exigiu novos procedimentos.

Para o Justino, a autora descreve que a sondagem por níveis artificiais foi substituída pela escavação sistemática logo nos primeiros níveis, utilizando a técnica de níveis naturais em função do que era evidenciado em solo, no caso do São José II, a substituição ocorreu após os 3 metros de profundidade, quando só então o material ósseo passou a ser evidenciado. As quadrículas foram estabelecidas com dimensões de 5x5 (para o Justino, o sítio São José permaneceu conforme os outros apresentados) e, receberam a identificação conforme sistema alfanumérico (SILVA,2017: 70).

O material cerâmico da região arqueológica de Xingó já foi objeto de estudo de diversos pesquisadores, com diferentes abordagens. Um exemplo foi o trabalho desenvolvido por Luna (2001), em sua tese, onde ela realizou o estudo dos vestígios cerâmicos de vinte e um (21) sítios da região do Baixo São Francisco, incluindo o Justino, com o objetivo de determinar o desenvolvimento próprio da tecnologia cerâmica do Baixo São Francisco. Com relação ao Justino foi realizada a análises dos vasilhames, fragmento e cachimbos que estavam relacionado aos enterramentos (LUNA apud CASTRO, 2009).

Apesar do trabalho desenvolvido em sua tese, Luna (2006) faz uma crítica aos procedimentos técnicos e metodológicos utilizados no desenvolvimento dos trabalhos de campo dos sítios de Xingó. A mesma deixa claro conhecer as limitações oferecidas pela própria arqueologia de salvamento, porem destaca que a falta de dados limita as análises dos vestígios em laboratório, e consequentemente uma interpretação mais segura dos dados. Diante disso, a mesma cita algumas falhas no desenvolvimento dos dados de campo, como:

falta de relatórios de campo detalhados, levantamento fotográfico detalhado das prospecções, sondagens e escavações, desenhos detalhados das estruturas encontradas nos sítios, principalmente no que se refere aos enterramentos, dos planos topográficos específicos de cada tipo de vestígio e suas respectivas cotas, o que possibilitaria o estudo da distribuição espacial, dos desenhos dos cortes estratigráficos, que impediu o estudo das relações verticais, ou seja, das seqüências crono-estratigráficas”. Possivelmente essa ausência de informações podem ter ocasionando no “número reduzido de datações dos sítios, principalmente do Justino e São José 2, que poderiam fornecer

sequências cronológicas seguras, de maneira a se poder comparar com outras áreas estudadas na região Nordeste” (LUNA, 2006:195)

Apesar da falta de dados apresentada a cima, Luna (2006) em sua pesquisa faz uma discussão a respeito dos grupos que ocuparam as regiões costeira e interiorana, fundamentada nas análises do material cerâmico, especialmente nos objetos encontrados no sítio Justino. A mesma dispõe-se a “observar as características desse material, produzido anterior à influência dos Tupiguarani e Aratu, como independente e o utiliza então para levantar dados relacionados à origem de tais grupos assim vistos como independentes. Considerando a cerâmica de Xingó como única e independente, mesmo embebida de traços de diversos outros comuns em regiões próximas” (SILVA, 2017: 82)

Os estudos desempenhados na área de Xingó confirmam que os grupos ceramistas que habitavam essa região, já possuíam um conhecimento aprimorado da produção da cerâmica por volta de 5000 anos a.p. Diante disso descarta-se a teoria inicial, que agregavam esses grupos as tradições Tupiguarani ou Aratu. A prática de confeccionar cerâmica nesta região é muito mais antiga que as datas da tradição Tupiguarani, esse fato comprova que outras populações pré-históricas anteriores a essas tradições já possuíam conhecimento independente da fabricação de cerâmica, porém os resultados apontam que seu surgimento não se deu no local do sítio, demonstrando um conhecimento técnico prévio de quando ela começa a surgir nas camadas arqueológicas (LUNA, 2005).

Segundo Luna (2003) com base nos dados arqueológicos, a primeira fase do povoamento da região do sub-médio São Francisco ocorreu por grupos caçadores-coletores, que teriam migrado do planalto goiano, com uma indústria lítica semelhante à tradição conhecida como Itaparica. Em um segundo momento dessa ocupação, os grupos já realizavam algum tipo de plantio, e habitavam áreas localizadas próximas ao rio São Francisco. Além da agricultura, eles já tinham conhecimento da fabricação de cerâmica, assim sendo chamados de agricultores-ceramistas.

O projeto arqueológico de Xingó (PAX) proporcionou a criação e a implantação do Museu Arqueológico de Xingó (MAX), com o objetivo de garantir a continuidade das pesquisas a partir dos vestígios identificados. Além de possibilitar a criação da revista Canindé e dos Cadernos de Arqueologia que se tornaram importante difusor dos trabalhos realizados a partir do material de Xingó.

Para a área do baixo São Francisco, com relação aos sítios com presença de sepultamentos, existe evidências funerárias em apenas três sítios, o São José II, Jerimum e o Sítio Justino, o qual iremos trabalhar a partir dos dados referentes as práticas funerárias.

2.1 SÍTIO JUSTINO

Descoberto no ano de 1990, o Sítio arqueológico Justino está situado em um local a céu aberto, na fazenda Cabeça do Nego, sob as coordenadas UTM 627561 E/ 8938881 N, em um terraço fluvial que chega a quase 7m de altura, com altitude média de 37 m em relação ao nível do mar, na confluência entre o rio São Francisco e o riacho Curitiba no município de Canindé do São Francisco, extremo noroeste do estado de Sergipe. O sítio foi identificado durante o processo de prospecção, etapa inicial do Projeto Arqueológico de Xingó, na região a qual foram construídos o reservatório e a usina hidrelétrica de Xingó. O mesmo foi descoberto devido à grande quantidade de fragmentos cerâmicos dispostos em superfície, decorrente da ação antrópica, que utilizava essa área para plantação de subsistência, através do cultivo do milho e feijão (SILVA, 2013).

O Justino faz parte de um conjunto de 16 sítios que formam a área arqueológica 3 da região de Xingó, que ocupa um total de 3.760 ha (37,60 Km²) localizado entre os municípios de Canindé do São Francisco, Sergipe; Olho D'água do Cardoso e Piranhas, Alagoas (FAGUNDES, 2010a).

A formação geológica do Justino está associada ao transporte de sedimentos dos altiplanos semiáridos, através do riacho Curitiba, formando deposições sedimentares com características deltaicas e ocorrência de camadas deposicionais ou aluvionares, com espessuras variáveis, constituídas por areia fina a grossa, seixos, siltes e argila. (FAGUNDES, 2010a).

O Sítio Justino foi escavado durante 4 anos, entre 1991 a 1994 (Figura 8), como parte do projeto de salvamento arqueológico de Xingó. Foi sistematicamente escavado por se tratar de um sítio tanto de habitação quanto cemitério, considerado com o mais impressionante conjunto funerário descoberto no Nordeste (MARTIN, 2008), foi o sítio que teve maior intervenção arqueológica, tendo uma área escada de 1.265 m², sendo que sua área total é de 1.500m², com escavação chegando a atingir 6,40 m de profundidade e tendo como referência a presença de artefatos (FAGUNDES, 2010a).

Cabe ressaltar que o Sítio Justino deve ter ocupado uma área muito maior, do que a escavada no processo de salvamento, pois as continuas enchentes do rio destruíam parte do cemitério já em tempos remotos. Fato constatado durante o período de escavação, quando o Sítio sofreu várias inundações (VERGNER, 2004).

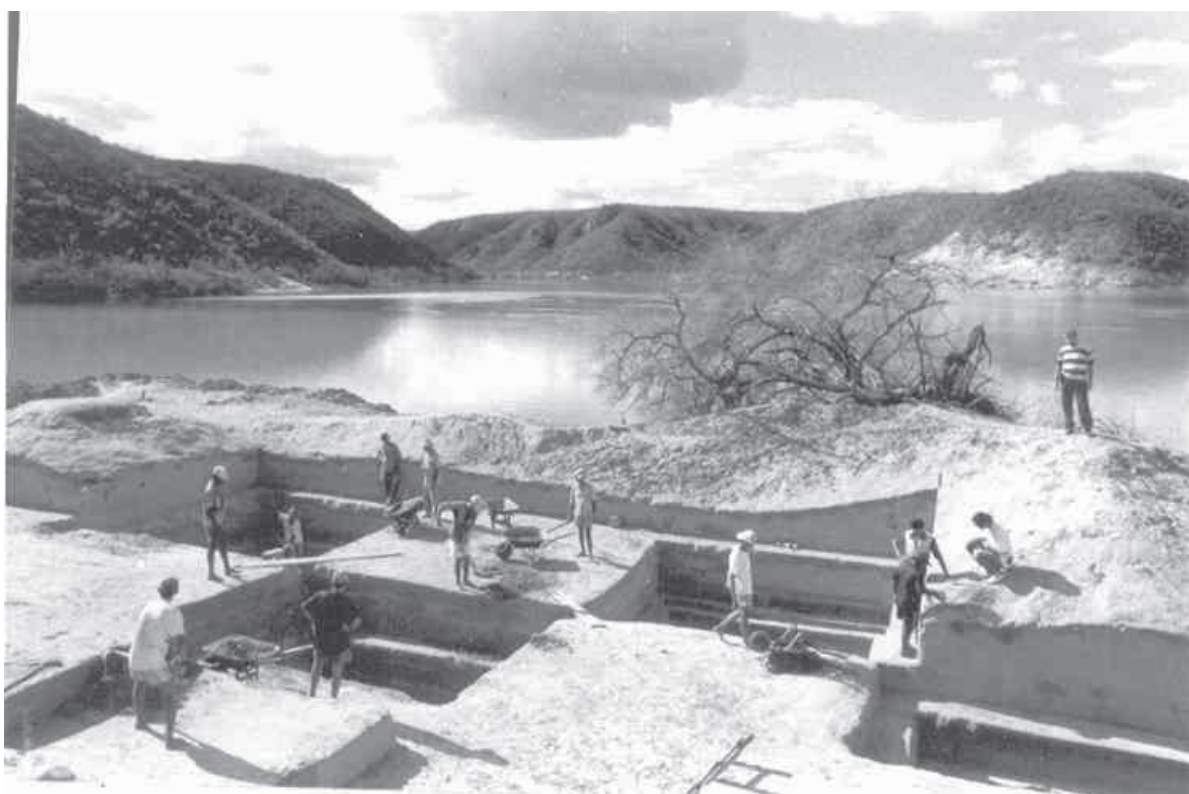


Figura 3: Escavação do Sítio Justino (Fonte: Fagundes, 2010a)

Sobre os trabalhos de campo o procedimento utilizado pelos pesquisadores seguiu o modelo da escola francesa de arqueologia, o método etnográfico de superfície amplas, que tem como objetivo o levantamento de dados para descrição e interpretação dos solos de ocupação, ou seja, uma abordagem mais lenta e mais precisa, ocasionando uma complexa estratificação (Figura 9) disposta em 64 decapagens, formando um perfil estratigráfico (Figura 10) não muito bem definido, que foi dividido em quatro ocupações conforme a evidenciação dos sepultamentos e a distribuição dos remanescentes culturais. Essas fases foram classificadas como cemitérios A, B, C e D, sendo três correspondentes aos grupos agricultores e ceramistas e uma associada ao grupo caçadores – coletores (FAGUNDES, 2007).

As datações obtidas a partir de carvão de fogueira foram utilizadas para demarcar as quatro ocupações, porém, em relação aos enterramentos, funcionam como datação relativa. Para o Sítio não há datações dos

enterramentos que represente a idade real de uma espécie que teria passado pelo local (SANTANA, 2013: 8)



Figura 4: Estratificação em profundidade do sítio Justino (Fonte: Fagundes, 2010a)

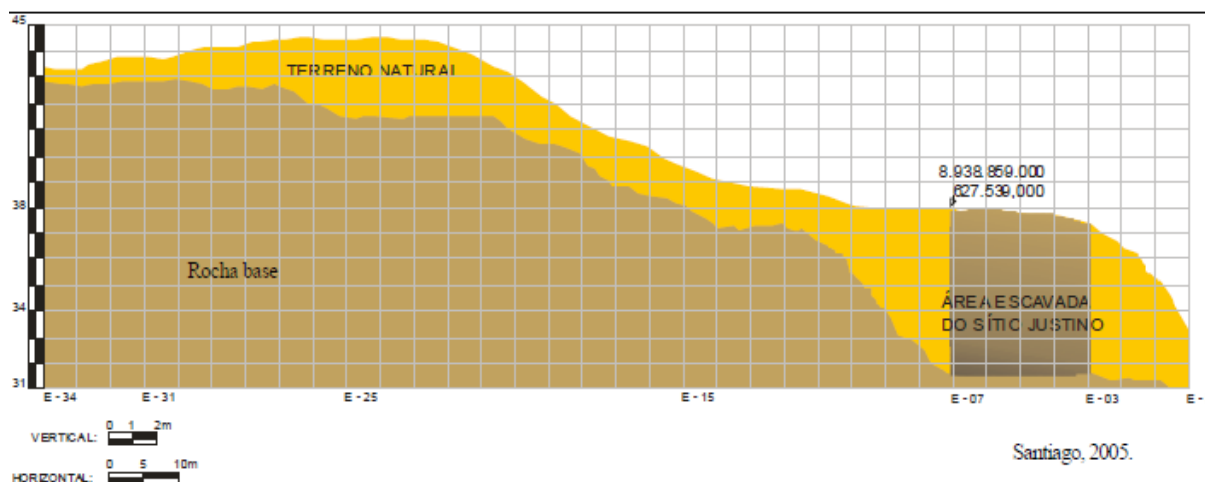


Figura 5: Perfil do Sítio Justino (Fonte: Fagundes, 2007)

Fagundes (2007), com base em estudos do diagnóstico da organização tecnológica lítica e a análise dos remanescentes culturais do assentamento, estabeleceu cinco fases distintas, identificando as ocupações e reocupações no sítio.

Fase 01- para esta ocupação não existem datações absolutas. Essa fase refere-se aos grupos caçadores-coletores que ocuparam o terraço entre as decapagens 64 e 43 (um intervalo de 2,10 m), ocorrendo duas ocupações distintas, a primeira entre as decapagens 59 a 51 (um intervalo de 0,80 m) e outra entre a 50 e 43 (um intervalo de 0,70 m). Nesse período o terraço foi pouco povoado, uma vez que a baixa frequência e densidade de remanescentes culturais, industriais líticas (artefatos, instrumentos ou resíduos do processo de lascamento, manutenção e reparo dos mesmos); manchas no solo, restos alimentares etc. As ocupações devem ter ocorrido de forma irregular ao longo do tempo, com baixa permanência do grupo ou grupos no terraço.

Fase 02- também está relacionada às ocupações de caçadores-coletores, localizados entre as decapagens 42 a 35 (um intervalo de 0,70 m), com datação absoluta em torno de 8.950 ± 70 AP (baseada na decapagem 40, profundidade de 4,10 m). E em comparação à fase 01 esta fase revela um período de fixação mais longa. Não há mudanças sensíveis na organização tecnológica. As fases 01 e 02 são tratadas como **cemitério D**.

Fase 3- esta corresponde ao **Cemitério C** situado nas decapagens 34 a 13 (um intervalo de 2,10 m), com datações absolutas entre 5.570 e 3270 AP. O autor dividiu essa fase em três

ocupações distintas; a primeira entre as decapagens 34 e 29 (um intervalo de 0,50 m), a segunda entre a 28 e 22 (um intervalo de 0,60 m), e a terceira entre a 21 e 16 (um intervalo de 0,50). Nessa fase são claras as evidências de ocupação e reocupação do sítio, que passa por processos contínuos de abandono somado as curtas permanências dos grupos na área, fator verificável pela baixa densidade e diversidade de remanescentes culturais, evidenciando o uso do local enquanto acampamento temporário (entre as decapagens 34 e 24, um intervalo de 1,00 m aproximadamente). A partir de decapagem 21 (entre 2,15 e 2,20 m de profundidade) há indícios de uma maior permanência no terraço, com incidência da explosão dos vestígios cerâmicos na decapagem 19 (entre 1,90 e 2,00 m de profundidade) em diante. A cerâmica surge no registro arqueológico a partir da decapagem 32 (01 fragmento de bojo evidenciado a 3,29 m de profundidade), entretanto só se torna representativa entre as decapagens 21 e 19 (um intervalo entre 2,20 e 2,00 m de profundidade), com significativo aumento de elementos a partir da decapagem 17 (137 fragmentos evidenciados em torno de 1,80 m de profundidade).

Fase 4- representa o **Cemitério B** situado entre as decapagens 14 e 09 (um intervalo de 0,50 m), trata-se do período “aúreo” de ocupação do Justino onde se observa maior quantidade e diversidade de remanescentes culturais. Todo o arranjo das estruturas, distribuição espacial, concentrações e associações demonstram quando o grupo tenha mudado sua morfologia social. Na organização tecnológica lítica não há mudanças extremas, exceto que o quartzo passa a ser utilizado para a confecção de instrumentos expeditos (ou de ocasião). O período possui datação em torno de 2500 AP.

Fase 5- equivale ao **Cemitério A**, encontra-se entre as decapagens 08 e 01 (um intervalo de 0,70 m), com datação em torno de 1300 AP. É o período que apresentou maior diferença na organização tecnológica quando comparadas aos demais, com presença de artefatos líticos mais expeditos e vestígios cerâmicos pouco requintados no tocante a decoração plástica.

O procedimento de escavação utilizado ocasionou a evidenciação de diversos esqueletos humanos associados a um rico enxoval funerário, que por fim totalizou na descoberta de 167 sepultamentos e 185 esqueletos (FAGUNDES, 2010a).

O Sítio Justino foi ocupado principalmente como cemitério, mas também como habitação, fato comprovado pela presença de estruturas de fogueira, restos alimentares, conchas, manchas escuras, objetos líticos e fragmento cerâmicos (VERGNE, 2002)

Foram registradas quinze grandes fogueiras estruturadas, 20.000 peças arqueológicas compostas por líticos, cerâmicas, materiais ósseos e restos alimentares, provenientes do enxoval

funerário. Além de apresentar a maior diversidade de material arqueológicos, foi também o sítio que apresentou maior número de datações radiocarbônicas, compreendidas entre 1280 e 8950 anos BP (MARTIN, 2008). Acredita-se que este sítio teve diferentes usos em diferentes ocupações, que o ocuparam e reocuparam por milênios, o adaptando de acordo com suas necessidades para diversas funções (FAGUNDES, 2010a).

Diante da diversidade e do potencial arqueológico apresentado pelo Justino, os trabalhos a respeito do sítio foram se multiplicando, principalmente devido a diversidade de linhas a serem estudadas (LUNA, 2006), sendo o sítio arqueológico que teve o maior número de intervenções e publicações de trabalhos devido sua “riqueza” em possibilidades de estudos científicos (CARDOSO, 2015). Dentre alguns dos trabalhos divulgados estão:

Estudos diretamente relacionados aos enterramentos e à cultura material (VERGNER, 1997, 2002, 2004, 2005^a, 2005^b); na Antropologia Física, especialmente das paleopatologias, tafonomia e demografia (CARVALHO, 2006, 2007; CARVALHO; QUEIROZ, 2005; SIMON et al., 1999); estudos sobre a presença de animais em enterramentos (CARVALHO; QUEIROZ; VERGNER, 2002); estudos de material lítico (FAGUNDES, 2007; JERÔNIMO; CISNEIROS, 1997; MELLO; SILVA; FOGAÇA, 2007; SILVA; VERGNE; POZZI, 2001); estudos dos grupos ceramistas (LUNA; NASCIMENTO, 1997; LUNA, 2001); estudos arqueométricos também foram realizados nos vestígios cerâmicos (DANTAS, 2005; SANTOS; MUNITA, 2007) (CASTRO, 2009:124).

O Sítio Justino é considerado um dos maiores acervos de cerâmica associada a enterramento funerário do Nordeste, com uma sequência ininterrupta de ocupação no período onde foram registrados a presença de vestígios cerâmicos. De acordo com a cronologia dos níveis datados, as populações ceramistas ocuparam o baixo São Francisco desde de a metade do segundo milênio a.c. com rituais funerários de inumação e ausência de urnas funerárias de grande porte, tanto para enterramento primário quanto para secundário, e geralmente utilizando recipientes de pequeno e médio porte como enxoval fúnebre (MARTIN, 2008).

Nesta pesquisa consideraremos os rituais funerários desenvolvidos nos quatro cemitérios do Sítio Justino, pois o material encontrado no sítio e dados fornecidos a partir deles nos proporciona esse tipo de estudo.

2.2 CEMITERIOS DO JUSTINO

O perfil estratigráfico identificado no Sítio Justino, associado com as datações absolutas e os dados obtidos em laboratório permitiu a identificação de quatro ocupações distintas para

os remanescentes arqueológicos. Classificados como cemitérios A, B, C e D, três correspondem a grupos agricultores-ceramistas e um está associado a grupos caçadores-coletores (SANTOS, 2007).

A determinação de sexo e idade dos sepultamentos identificados nos cemitérios do Justino foram determinados por Carvalho (2006) em sua tese de doutorado, que foi utilizado como principal referência para os trabalhos realizados posteriormente, como é o caso do trabalho de Vergne (2004) o qual utilizamos para apresentar os sepultamentos realizados no Sítio Justino.

Na diagnose de idade existe diversas classificações referentes a faixa etária infantil, onde são classificadas em faixas de idades específicas. Porém nesta pesquisa buscamos inseri-las em apenas uma, onde classificamos a diagnose de idade infantil entre 0 a 15 anos.

O **Cemitério A** é o mais recente, localizado entre as decapagens 01 – 08 que foi subdividido em duas ocupações, tendo como principal critério a presença dos sepultamentos. O cemitério é constituído por 40 sepultamentos, com datação em torno de 1300 AP. (FAGUNDES, 2007).

Esse conjunto inicia-se com 19 sepulturas, duas cremações e cinco concentrações de ossos nas camadas 08 a 07, prossegue com um grande crescimento, recebendo mais 32 sepultamentos e 08 concentrações de ossos nas camadas 06 a 04, todas pertencentes ao período cerâmico (VERGNE, 2004: 91).

As referências cronológicas obtidas para o conjunto arqueológico do Cemitério A foram obtidas a partir da análise de três fogueiras escolhidas estratigraficamente, sendo a primeira na camada 08, correspondente a base do cemitério, datada entre 2530 ± 160 (Bahia 1804), a segunda encontra-se no meio do conjunto arqueológico na camada 06, datada entre 1770 ± 60 (Lyon 5751) e a última que corresponde ao conjunto mais recente do cemitério, na camada 3 datada de 1280 ± 45 (Lyon 5750). O material arqueológico do Cemitério A é representado por “lítico, cerâmica, fogueiras, conchas e manchas escuras associadas a restos alimentares aumentando significativamente até a superfície do sítio” (VERGNER, 2004)

Os sepultamentos não apresentam um padrão regular entre os indivíduos do mesmo sexo ou idade, entretanto percebe-se que há prioridade em sepultar seus mortos em posição fetal, presente em quase todas as classes, com exceção dos indivíduos com idade superior a 35 anos. Em comparação com o cemitério B, as sepulturas do cemitério A apresentam-se mais dispersas

e se distribuem de forma mais alongada, ocasionando um isolamento espacial de alguns indivíduos dos demais, que se organizam em um grande conjunto (VERGNE, 2007).

Em relação ao gênero 13,51% são sepultamentos femininos, 32,43% são masculinos, em 29,72% não foi possível determinar o sexo nos indivíduos adultos e 24,32% são adolescentes e crianças nos quais também não foi possível constatar o sexo (VERGNE, 2004:104).

Com relação ao material associado aos sepultamentos, não existe um grande número de material associado aos enterramentos individuais infantis. Desta forma pode-se observar que de modo geral existe um padrão nos sepultamentos infantis (entre 0 e 15 anos), com pouca quantidade e diversidade de material arqueológico, sendo na maioria representado por material lítico em quartzo, lascas brutas e poucos artefatos e fragmentos cerâmicos alisado tanto na face interna quanto na externa (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos individuais adultos jovens (entre 16 e 34 anos) masculinos de modo geral apresentam um enxoval funerário maior e mais diversificado em relação aos sepultamentos infantis, com exceção dos enterramentos secundários. Entretanto não existe um vestígio material que possa ser usado como principal característica desses enterramentos, exceto na quantidade de vestígios e a presença de lascas de quartzo associadas a todos. Além disto, em todos eles ocorrem a presença de pelo menos um vestígio que é considerado como diferenciador (adornos, núcleos, batedores, mãos, ocre, chooper, chopping tools, lâmina, vasos completos e fragmentos decorados), fator que indica haver um diferencial destes sepultamentos com os demais (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos individuais adultos jovens (entre 16 e 34 anos) femininos correspondem a apenas 5,40% do total, ou seja, dois enterramentos. Com relação a cultura material associada, é semelhante ao material dos sepultamentos masculinos, porém há uma maior expressão que os enterramentos infantis. Já os sepultamentos individuais adultos jovens de sexo indeterminado representam 27,02% do total de enterramentos individuais, isto é, dez enterramentos, que de modo geral apresentam um cuidado maior no enxoval funerário (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos individuais masculinos com idade superior a 35 anos é representado por 8,31% do total de enterramentos. Nestes enterramentos pode-se observar um tratamento diferenciado em relação aos demais. Os enterramentos individuais femininos superiores a 35 anos correspondem a 10,81%, assim como os masculinos existe um maior requinte no material associado, de modo a inferir que as mulheres mais velhas também tinham tratamento

diferenciado. Já os sepultamentos individuais adultos com idade superior a 35 anos de sexo indeterminado correspondem a 8,10% do total de enterramentos individuais, é acompanhado com um enxoval diversificado (VERGNE, 2004).

No cemitério A, além dos sepultamentos individuais houve também registro de dois sepultamentos duplos e um triplo. Sendo um constituído por um indivíduo adulto e outro adulto com idade superior a 35 anos, ambos com sexo indeterminado, acompanhado de quatro lascas de quartzo, o segundo sepultamento duplo estava composto por um indivíduo adulto do sexo masculino e uma criança, acompanhado por um maior número de vestígios. O enterramento triplo é formado por três indivíduos do sexo masculino adultos com idade superior a 35 anos, acompanhados com três lascas brutas e uma lasca retocada em quartzo (VERGNE, 2004).

O **Cemitério B** encontra-se entre as decapagens de 09 a 14, neste contexto é possível observar um aumento expressivo na quantidade, diversidade e concentração dos vestígios culturais, sendo esse o período com o maior número de enterramentos do sítio Justino. Os sepultamentos referem-se a grupos ceramistas semi-sedentárias que habitaram esse espaço entre em torno de 2500 AP (FAGUNDES, 2007). O cemitério é composto por 65 sepultamentos individuais, 03 duplos e 02 triplos (VERGNE, 2004).

Está constituído por um conjunto principal, mais centralizado no quadrante oeste, entre as quadriculas FL-MZ 21/35, e quatros outros conjuntos menores, dois localizados no quadrante norte entre as quadriculas FL 41/45 e 51/55, um no quadrante sul, entre as quadriculas AE-FL 11/20 e o último no setor II, aglomerados na quadricula MR (VERGNE apud FAGUNDES, 2007:412).

Os sepultamentos individuais infantis correspondem a 11,42%, ou seja, oito enterramentos que tem como características um enxoval funerário mais simples que os demais, porem apresentam detalhes que os diferenciam dos enterramentos infantis do cemitério A, especialmente nos fragmentos cerâmicos, apresentando decoração em todos. Com relação ao material lítico não há muitas diferenças. Os sepultamentos individuais adultos jovens masculinos correspondem a 20,0%, totalizando 14 enterramentos, apresentam um enxoval funerário diversificado, formado por uma variedade de vestígios líticos. Outro fato que chama atenção é a presença de fragmentos cerâmicos decorados em todos enterramentos, fato que não condiz com os sepultamentos da mesma classe do cemitério A. Neste contexto apenas dois enterramentos secundários não apresentam cultura material associada (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos individuais de adultos jovens femininos totalizam 10,0% do total de enterramentos individuais, apesar de apresentarem cerâmica decorada em todos os

sepultamentos, no geral seu mobiliário fúnebre é relativamente simples quando comparado com os enterramentos masculinos, principalmente com relação ao material lítico. Os sepultamentos individuais adultos jovens de sexo indeterminado totalizam 18,57%, um total de 13 enterramentos, “de modo geral apresentam mobiliário funerário bem diversificado, com a presença dos diferenciadores em todos os enterramentos (exceto os secundários: 09 e 22)”. Observa-se também a presença de fragmentos cerâmicos decorados em todos os enterramentos (VERGNE, 2004: 123).

No caso do cemitério B, a diversidade da tipologia cerâmica não pôde se utilizada como diferenciadora, na medida em que cerâmica de vários tipos ocorrem em todos os sepultamentos, masculinos ou femininos, de crianças ou de adultos (VERGNE, 2004: 123).

Os sepultamentos individuais adultos masculinos correspondem a 21,73%. Esses enterramentos apresentam um enxoval funerário muito rico, com uma grade diversidade de material lítico, presença de adornos corporais e vasilhames cerâmicos completos, além de apresentarem no mínimo dois elementos diferenciadores por sepultamento. No que se refere ao material cerâmico, é identificado pelo menos um fragmento decorado em cada sepultura (VERGNE, 2004).

De qualquer forma, a característica marcante continua sendo a existência de distinções nos rituais funerários quando se diz respeito aos sepultamentos masculinos adultos com idade maior que 35 anos, fato que nos permite compreender parte da organização social desse grupo (VERGNE, 2004: 128).

Os sepultamentos individuais adultos femininos representam 4,28 % dos sepultamentos do cemitério B, no geral apresentam um mobiliário fúnebre diferenciado que provavelmente pode estar associada à idade. Os sepultamentos individuais adultos de sexo indeterminado correspondem a 4,28%. Com exceção de um (09) do tipo secundário todos os sepultamentos “apresentam características de distinção por idade, com presença dos elementos diferenciados”, fato que já foi citado anteriormente (VERGNE, 2004: 131).

Em dois sepultamentos (153, 154) não foi possível determinar sexo e idade, porem devido ao mobiliário fúnebre foi sugerido que se tratassem de indivíduos do sexo masculino, pois segundo Vergne (2004) os sepultamentos masculinos apresentam material líticos mais diversificado e em maior quantidade, como raspadores e lascas retocadas, além de que a mesma afirma que as laminas de machado neste cemitério fazem parte apenas do enxoval masculino, sendo considerado como um diferenciador de gênero. Dentre os sepultamentos foram identificados dois enterramentos triplos e três duplos, entretanto não apresentam um padrão

diferenciador, uns apresentam poucos vestígios associados enquanto outros apresentam muito e com maior diversidade, no geral essa prática não apresenta um cuidado especial, semelhante os sepultamentos realizados em adultos jovens (VERGNE, 2004).

No Cemitério B as distinções sociais são mais claras no registro arqueológico, neste contexto as distinções entre gênero, idade e status se apresentam mais evidentes, como nos “enterramentos masculinos, com idade superior a 35 anos, que fora notado o maior “requisite” nas associações, com presença de grande número dos elementos diferenciadores, tais como lâminas de machado, adornos, associações com animais, ocre, batedores etc.” (VERGNE, 2007: 55). Neste período é possível observar um aumento significativo em termos de concentração e densidade de material arqueológico, além do grande número de material lítico, o cemitério também é composto por uma grande quantidade de cultural material cerâmica (4563 fragmentos) (FAGUNDES, 2007).

Em todas as Fases do Justino o quartzo aparece com maior expressão, entretanto é a partir da fase 04 que ocupa uma posição majoritária em relação as demais matérias-primas. Nossa hipótese vincula-se a maior sedentarização deste período que instaura, decididamente, o uso do assentamento como base (habitação) (FAGUNDES, 2007: 370).

O **Cemitério C** está compreendido entre as decapagens 13 a 34, trata-se de uma ocupação ceramista semi-sedentárias marcadas por breves períodos de ocupações que permaneceu na região entre 5.570 e 3270 AP. (FAGUNDES, 2007).

Esse período tem como principal marca a implantação da cultura material cerâmica, que é representada como o período de maior diversidade, principalmente no que diz respeito ao tratamento de superfície (decoração), que se acredita está relacionada às questões simbólico-ritualísticas, atribuídas ao sítio durante o processo de transição das culturas pré-cerâmicas e ceramistas (FAGUNDES, 2007).

Mesmo sendo uma ocupação ceramista como nos demais horizontes, notamos que existem certas particularidades nos sepultamentos dessa ocupação, principalmente no que se diz respeito à hierarquização (ou status social), evidente no registro dos cemitérios A e B (VERGNE, 2004).

Nesta ocupação, com base nos remanescentes culturais pode-se perceber visivelmente distinções sociais, entretanto não há a mesma distinção entre as classes de idade e sexo. Diferente das ocupações A e B, onde era clara as distinções entre as classes de idade, como nos enterramentos infantis que apresentavam acompanhamentos funerário mais simples que os demais, no cemitério C este fato não é tão nítido, pois não há distinções entre os sepultamentos infantis e dos jovens adultos (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos infantis do cemitério C são compostos por 13 enterramentos. Ao contrário dos cemitérios A e B, esse subconjunto apresenta uma maior quantidade e diversidade de material arqueológico associado, “é possível observar a presença dos elementos diferenciadores em 75,0% dos casos, apresentando cachimbos, núcleos, adornos corporais, mãos-de-pilão etc”, além deste foram identificados presença de fragmento cerâmicos, em quase todos os sepultamentos, na maioria decorados (VERGNE, 2004:136).

Dentre os sepultamentos infantis, o enterramento 147 se destaca, por apresentar um mobiliário fúnebre mais diversificado e diferencial na exumação do corpo. Sepultamento primário com idade entre 07 a 08 anos, acompanhado, além dos vestígios comuns, de ossos longos de aves ao lado do úmero esquerdo. Outro enterramento que se destacou foi o 162, sendo uma sepultura primaria com idade entre 5 a 6 anos, com acompanhamento funerário formado por um recipiente em granito associado a preparação de pigmento vermelho (óxido de ferro), 06 vestígios líticos, neste contexto não há presença de material cerâmico. A principal hipótese para o enterramento 162, é que provavelmente se trate de uma sepultura produzida por um grupo caçador coletor tardio, que ocupou essa área antes dos grupos ceramistas (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos adultos jovens masculinos são formados por quatro enterramentos, sendo dois primários e dois secundários. Como nos demais cemitérios, os enterramentos secundários não apresentaram um mobiliário funerário diversificado, apenas poucas lascas de líticos e poucos fragmentos de cerâmica (lisos e decoradas). Já os enterramentos primários apresentaram acompanhamento funerário bem sortido, com elementos diferenciadores em grande quantidade (VERGNE, 2004)

Não há grandes mudanças na tipologia e número de vestígios materiais quando comparado às demais classes de sepultamentos desse cemitério, o que pode indicar uma menor hierarquização por sexo e idade em relação ao que verificado pela prática dos grupos anteriores (VERGNE, 2004:139).

Os sepultamentos adultos jovens femininos são apenas dois. Os acompanhamentos funerários de ambos se apresentam bem diversificados, porém quando comparado com os enterramentos da mesma classe dos cemitérios A e B, ou até mesmo com os infantis desse mesmo contexto, não apresentam grandes inovações (VERGNE, 2004)

Os sepultamentos adultos jovens de sexo indeterminado correspondem a 07 enterramentos, com apenas um secundário. Com relação a “cultura material não há diferenças em relação às demais classes, isto quer dizer, numericamente são similares o mesmo ocorrendo

com tipos de vestígios”. Outro fato que se destaca é a ausência de material cerâmico no enterramento 135, o que até então não havia se verificado (VERGNE, 2004: 141).

Os sepultamentos de adultos masculino com idade superior a 35 anos, os contextos funerários são formados por quatro enterramentos com apenas um do tipo primário. Os enterramentos do tipo secundário não apresentam grandes quantidades ou diversidades em seu enxoval funerário, e sem a presença de elementos diferenciadores (VERGNE, 2004).

Os sepultamentos de adultos feminino, com idade superior a 35 anos, são compostos por apenas dois enterramentos, que apresentam enxoval funerário diversificado e mais de um elemento diferenciador, características semelhantes ao que já foi discutido anteriormente sobre essa classe nos cemitérios A e B (VERGNE, 2004).

O cemitério C apresenta apenas três enterramentos duplos, formados por dois primários e um secundário, e um triplo do tipo primário. Os sepultamentos primários no geral apresentam um mobiliário fúnebre bem diversificado, com grande variedade e quantidade de material, no entanto o do tipo secundários está representado por pouco material associado (VERGNE, 2004).

O **Cemitério D** está localizado entre as decapagens 64 e 35, é o menor conjunto arqueológico do Justino, provavelmente devido à pouca permanência no sítio (VERGNE, 2004. Segundo Fagundes (2007) esta fase é formada por dois períodos, sendo que para o primeiro não existe datação absoluta, “uma vez que as estruturas de combustão evidenciadas não apresentam carvão, há apenas manchas em função da ação de agentes naturais”, com datação absoluta em torno de 8950 ± 70 AP (FAGUNDES, 2007:176).

Nesse momento foram evidenciados o sepultamento de 05 indivíduos (02 masculinos adultos jovens, 01 masculinos com idade superior a 35 anos, 01 femininos adulto jovem, 01 femininos adulto com idade superior a 35 anos) e duas concentrações de ossos situados próximos a borda do sítio, ou seja, no quadrante norte do cemitério. Neste momento foram evidenciados diversos materiais como: “lítico, conchas, manchas escuras associadas a resto alimentares etc.(...) formando pequenas concentrações em diferentes partes do terraço, tendo sua maior ocorrência entre as camadas 29 e 43” (VERGNER, 2004: 86).

Observa-se que na área dos sepultamentos relacionados ao cemitério D (AS 35/55) quase não há remanescentes culturais, sendo que a maior parte dos evidenciados nesse solo de ocupação diz respeito a parte oposta do sítio (FAGUNDES, 2010)

O cemitério D é o que apresenta maiores distinções nas práticas mortuárias entre as ocupações do Justino. Diferente dos grupos ceramistas essa fase de caçador coletor apresenta

maior complexidade no mobiliário fúnebre dos indivíduos do sexo feminino, sendo que nos cemitérios A e B essa diversidade é observada na cultura material dos indivíduos do sexo masculino com idade superior a 35 anos. Neste contexto os enterramentos do sexo feminino são os que mais se destacam, com um enxoval funerário maior e mais diversificado, tendo como elemento diferenciador as lâminas de machado polida. Entretanto as diferenças entre a cultura material dos sepultamentos são muito sutis, sendo que todos os sepultamentos do cemitério D apresentam vestígios funerários bem semelhantes (VERGNE, 2004).

Os conjuntos funerários dos cemitérios desenvolvidos no Sítio Justino, de modo geral sugerem que há uma complexidade social entre os grupos ceramistas, especialmente o conjunto funerário do cemitério B, que deixa clara a diferenciação do contexto material dos sepultamentos dos indivíduos mais velhos (idade superior a 35 anos), que nos faz entender que existia um hierarquia social neste grupo, o mesmo ocorre nos cemitérios C e A, sendo que no cemitério C esta diferenciação não é tão sólida. No entanto apesar de cemitério D apresentar um rico e diversificado mobiliário fúnebre não é possível inferir tais distinções sociais.

3.0 RITOS

Segundo Stanley Tambiah, (1985) o ritual é uma forma cultural de comunicação simbólica, constituída por sequências organizadas e padronizadas de palavras e atos, manifestados por diversos meios (PEIRANO, 2003). Ritos são representações coletivas, que variam tanto na sua natureza quanto na sua finalidade. “Os ritos assumem normas de conduta que indicam como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (DURKHEIM apud NAMUHOLOPA, 2017).

Rito é formado por um conjunto de ações, ou seja, se um grupo de pessoas se reunirem em um determinado horário e local e realizarem ações em conjunto, com padrões estabelecidos e com uma pessoa conduzindo e direcionando esse encontro, podemos dizer que eles estão realizando um rito. “Neste caso, as pessoas se reúnem e executam estas ações em conjunto e de forma ordenada, não havendo mais a espontaneidade de uma ação individual, sendo condição primordial o coletivo” (CRUZ, 2016: 17).

Essas ações podem ser individuais ou coletivas, compartilhada entre um grupo. Tudo que é visto ou ouvido pode ser reproduzido, podendo sofrer alterações, acréscimos ou reduções, ou simplesmente ser esquecido. Pois os ritos não são estáveis, dependendo da situação eles

podem ser criados ou recriados, podendo até mesmo desaparecer, quando forem considerados desapropriado para grupo em geral. O rito encontra-se na conexão entre tradição, memória, conservação e transformação (VILHENA, 2005).

Estudar ritos é entender o ser humano na cultura a qual está inserido, é compreender como é organizada sua vida social, material, seus costumes e sua história (VILHENA, 2005). Para Castro (2009: 66) “se os rituais estão relacionados as ações sociais, servem para transmitir conhecimentos e valores coletivos”.

Van Gennep (1873- 1957) foi um dos primeiros autores a se dedicar ao estudo dos rituais fora das amarras da religião, estudando em detalhes as partes características do ritual. O referido autor ficou conhecido após a publicação do seu livro “ritos de passagem”, publicado em 1909 (PEIRANO, 2003).

Segundo Van Gennep (2011) os ritos são definidos por estágios, e servem para demarcar momentos de mudança e de transição nos ciclos de vida dos indivíduos e de grupos sociais para novas etapas da vida e de status. Essas transições são caracterizadas por casamentos, iniciação, gravidez, parto e funerais, pois são mudanças de estágios que interferem na vida social do grupo ao qual o indivíduo pertence. O autor tratou o ritual e seus mecanismos como um dado relevante perante a vida social e não mais como um dado secundário.

É o próprio ato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial à outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte (VAN GENNEP, 2011: 24).

Van Gennep (2011) deixa claro que o mesmo rito pode assumir várias interpretações e que, com frequência, a mesma interpretação pode ser válida para diferentes ritos. “Porque, além de seu objetivo geral, que consiste em assegurar uma transformação do estado ou a passagem de uma sociedade mágico-religiosa ou profana para outra, estas cerimônias tem cada qual sua finalidade própria” (VAN GENNEP, 2011: 30).

Diante disto, essas categorias não são desenvolvidas da mesma maneira em uma mesma população, nem tão pouco utilizam de um mesmo conjunto cerimonial. Van Gennep esclarece que cada momento é constituído por diferentes momentos ou estagio de um indivíduo ou do grupo (VAN GENNEP, 2011).

A tese de Van Gennep, ritos de passagem, é considerada por Martine Segalen (2002) revolucionária, pois o autor não faz dessa obra uma base classificatória, nem mesmo predefine

suas funções. Para Segalen as sociedades são caracterizadas por sua descontinuidade, e o rito de passagem busca recompor a ordem social que é questionada a cada fase do ciclo biológico do homem (SEGALEN apud MALTZAHN, 2011).

3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS RITUAIS

Os hábitos mágico religiosos, mais do que simples crenças, fortalecem as relações políticas, econômicas e sociais que consequentemente acabam criando fortes relações com os ambientes naturais e sociais (NAMUHOLOPA, 2017).

Entre os autores que trabalham com ritos, não houve um consenso comum sobre a classificação de ritos, e consequentemente essa classificação varia de acordo com a significação que cada um pretende atribuir. Na realidade todas as etapas sociais de um indivíduo ou grupo é demarcada por ritos, que servem para dar início ou encerrar ou apenas marcar o processo de passagem de uma etapa de vida para outra. Esses processos têm como objetivo separar o indivíduo do mundo profano e conecta-lo ao sagrado, sendo que a passagem de um para outro requer um estágio intermediário (VAN GENNEP apud NAMUHOLOPA, 2017).

Existe um considerável número de estudos sobre a classificação de ritos, entretanto nesta pesquisa iremos apresentar a classificação de ritos de Arnold Van Gennep, não que os outros trabalhos não tenham sua importância, mas preferimos destacar as abordagens apresentadas por Gennep em seu livro “Ritos de Passagem”.

No início do século XX, Van Gennep tornou o ritual como seu principal objeto de trabalho, dispondo para isso de suas várias classificações e agrupamentos. Em sua pesquisa o autor esclarece que existe um sequenciamento dos ritos em etapas que marcam a separação ou transição de etapas na vida de um indivíduo. No entanto a classificação lógica e perfeita apresenta algumas dificuldades (NAMUHOLOPA, 2017).

Neste momento a escola animista tinha como objetivo principal apenas trabalhar os enterramentos isoladamente de seus ambientes, não se teve a preocupação de trabalhar as sequências de rituais, nem tão pouco elaborar uma classificação das crenças e ritos destes conjuntos funerários (VAN GENNEP, 2011). Não concordando com esses conceitos,

[...] nascia uma escola nova, a escola dinamista. R. R. Marett na Inglaterra e J. N. B. Hewitt nos Estados Unidos tomaram claramente posição contra a teoria animista, mostraram a insuficiência dela, já entrevista por Tiele

(polizoísmo, ou polizoolatrismo), e fundaram a teoria dinamista, que foi em seguida desenvolvida por K.Th. Preuss na Alemanha por L.R. Farnell, A.C. Haddon e Sidney Hartland na Inglaterra, Hubert e Mauss, a. Van Gennep na França, etc., teoria que recruta hoje em dia cada vez um número maior de adeptos (VAN GENNEP, 2011: 27).

Essas escolas ocasionou o surgimento de duas correntes, que permitiu verificar que os ritos simpáticos, tem base na escola animista e os ritos de contágios na escola dinamistas. Entretanto isso não significa que um é inteiramente sujeito ao outro, ou seja, os ritos simpáticos não são totalmente animista, nem os ritos de contagio totalmente dinamista (VAN GENNEP, 2011).

A partir de um viés antropológico, Van Gennep (2011) em sua obra, estabelece uma posição de dinamismo nos ritos, onde ele sugere que o sagrado e profano é algo relativo e dinâmico. Para o autor o sagrado e profano apresentam características contrárias, sendo que a passagem de um para o outro não se desenvolve sem um estágio intermediário.

Em toda sociedade a vida individual é constituída por estágios, seja na passagem de uma idade a outra ou de uma ocupação a outra. Entretanto em alguns grupos essas sucessões são marcadas por atos especiais, que alicerçam nossa aprendizagem. Essas passagens entre os semicivilizados são caracterizadas por cerimônias, pois para eles essas ações são totalmente independentes do sagrado, ou seja, toda mudança na vida de um indivíduo provoca uma ação e uma reação entre o profano e o sagrado que devem ser observadas, com o objetivo de que a sociedade não sofra nenhuma consequência (VAN GENNEP, 2011).

No decorrer do texto o autor realiza conexões entre essas categorias, que o permite uma ampla possibilidade de classificação dos ritos, sendo: os ritos simpáticos e de contágio, os diretos e indiretos e os positivos e negativos (VAN GENNEP, 2011).

Van Gennep (2011), durante a classificação de rito, sugere inicialmente duas classes de ritos, sendo os ritos simpáticos e os ritos de contagio. Os ritos simpáticos são os que se estabelecem “na crença da ação de semelhante sobre o semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo e reciprocamente, da parte sobre o todo e reciprocamente, do simulacro sobre o objeto ou o ser real e reciprocamente, da palavra sobre o ato” (VAN GENNEP, 2011: 25).

Os ritos podem agir direta ou indiretamente. Os ritos diretos são os que “possui uma virtude eficiente imediata, sem intervenção de um agente autônomo, por exemplo a impreciação,

o feitiço, etc., seu efeito é imediato.” Já os ritos indiretos acontecem por lei do retorno, “é uma espécie de choque inicial, que põe em movimento uma potência autônoma ou personificada [...]” são seres sobrenaturais que agem em benefício de quem realizou o rito ou oração (VANGENNEP, 2011: 27).

Em seguida o autor distingue os ritos positivos e ritos negativos. Os ritos positivos são vontades expressadas em atos, que correspondem a vontade, ou seja é um ato e não uma negação de um ato. Em contrapartida os ritos negativos são frequentemente chamados de tabu, ou seja, tabu corresponde a uma proibição, que equivale a uma ordem de não fazer ou não agir (NAMUHOLOPA, 2017).

Com base nas categorias de classificações apresentadas por Gennepe, o mesmo rito pode ser incluído em quatro categorias diferentes ao mesmo tempo, como no exemplo: “Assim, para uma mulher grávida, não comer amoras, porque isso marcaria a criança, é executar um rito dinamista, de contágio, direto, negativo.” Outro exemplo apresentado pelo autor que se enquadra em outras classificações é: “Para um marinheiro que esteve em perigo de morte, oferecer como ex-voto um naviozinho a Nossa Senhora da Guarda é um rito animista, simpático, direto, positivo”. E havendo a possibilidade de 16 classificações para um determinado rito. Nesta classificação apenas as quatro contrárias são eliminadas (VAN GENNEP, 2011: 28).

A dificuldade consiste apenas em saber exatamente, em cada caso, como interpretar o rito, e a dificuldade é tanto maior porque se o mesmo rito admite várias interpretações é também frequente que uma mesma interpretação seja válida para diversos ritos muito diferentes quanto a forma. A dificuldade está no fato de distinguir se um rito é dinamista ou animista (VAN GENNEP, 2011).

Van Gennepe dedicou-se em particular ao estudo dos ritos de passagem, que segundo ele, se dividem em três categorias secundárias, sendo eles: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação. Esses ritos, diferentes dos já citados anteriormente não se manifestam no mesmo contexto ritualístico ou na mesma situação.

Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais; os ritos de agregação, nas do casamento. Quanto aos ritos de margem podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento [...] (VAN GENNEP, 2011: 30).

O mesmo acredita que os ritos não estão mais associados ao sobrenatural, e sim a marcadores de mudanças na vida de um indivíduo ou de todo o grupo. Diante disso, o mesmo acredita que essas mudanças são caracterizadas por períodos preliminares (ritos de separação), liminares (ritos de margem) e pós-liminar (ritos de agregação). Todos os ritos, passam pela as três fases, tendo como diferencial apenas a intensidade como cada fase é realizada. Porém o autor ressalta que na “prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles quer no grau de elaboração que apresentam” (VAN GENNEP, 2011: 30).

Essas fases são formadas por estágios onde inicialmente o indivíduo é “separado” de sua rotina e do seu grupo, onde ficara recluso e levava uma existência a “margem”. Por fim, após estes dois primeiros estágios serem concluídos, o indivíduo será reintegrado a vida habitual de sua sociedade, ocorrendo assim sua “agregação” ao grupo, retomando o equilíbrio ao qual o leva adquirir uma nova posição perante sua comunidade (MERINO, 2007).

Com o objetivo de facilitar a compreensão das tipologias apresentadas por Van Gennep, Cruz (2016), em sua monografia, apresenta uma tabela com os principais dados. Neste quadro a autora busca “sintetizar as principais categorias trazidas por Van Gennep na parte superior, temos categorias ou tipologias independentes e, na parte inferior, nos ritos de passagem, temos seus ritos equivalentes (seta para o lado) e seus desdobramentos (setas para baixo)” (CRUZ, 2016: 22; 23).

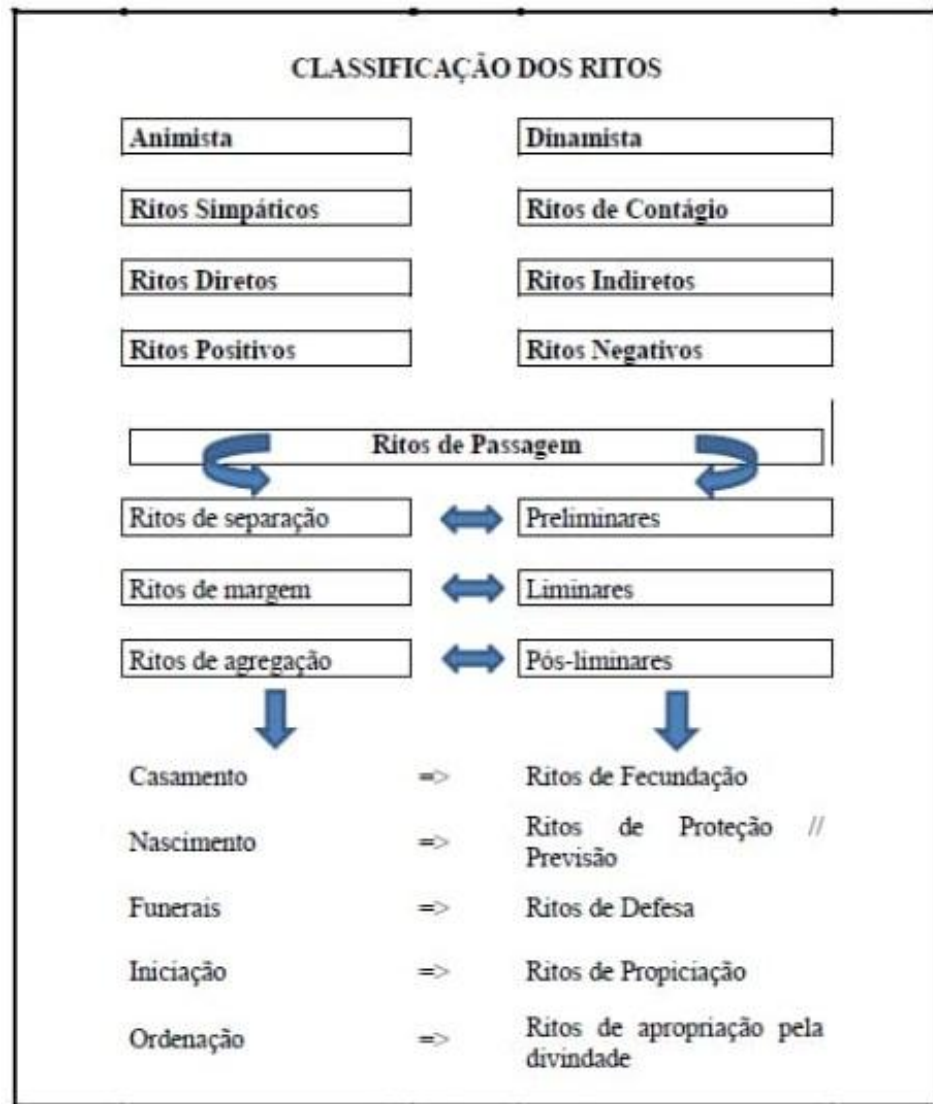


Figura 6: Resumo da Classificação dos Ritos com base nas classificações de Van Gennep (Fonte: CRUZ, 2016)

3.2 RITUAIS FUNERARIOS

Os rituais funerários são constituídos por práticas sociais que envolvem a ação dos vivos sobre os mortos (BARRET apud SILVA, 2005). Dentre as culturas humanas, desde a neanderthal até as contemporâneas, pode-se observar modelos de ritualização de cadáver, como: aceleração da decomposição, inumação, defumação, embalsamamento, ingestão canibalesca, cremação e outros (CARVALHO, 2001). “A definição utilizada para rituais fúnebres pode ser usada como um padrão de comportamento utilizado em contexto de morte,

para criar e manter o senso de conexão de um sistema social com o outro mundo” (SILVA, 2011:33).

Inicialmente a arqueologia das práticas funerárias tinha como objetivo apenas identificar culturas, a existência dessas práticas com agentes diferenciadores que servia como indicativo de contato cultural ou transmissão de conhecimento entre diferentes grupos. As práticas funerárias eram consideradas principal fonte de identificação de culturas (SILVA, 2004).

No início do século XX, surgiu a necessidade de métodos interpretativos voltados ao estudo das práticas funerárias da pré-história. Para isso houve a necessidade de um aperfeiçoamento de técnicas de aspectos sócio-culturais, que passou a ter foco não só em dados materiais, mais também incluindo dados biofísicos, como sexo, idade e algumas modificações ósseas e dentárias, e dados referente às ciências biológicas (SILVA, 2005).

Tais aspectos têm sido mais ampla e exaustivamente discutidos na literatura estrangeira desde o final do século XIX por Tylor e Frazer, este último tendo publicado o primeiro estudo comparativo sobre práticas mortuárias, buscando, no entanto, mais similaridades do que diferenças culturais, o que demonstrava a fragilidade do trabalho. Só no início do século XX, autores como HERTZ (1907) e MALINOWSKI (1925) (apud BINFORD, 1972) e posteriormente VAN GENNEP (1996 [1932]) dedicaram atenção às diferenças em rituais mortuários em contextos culturais distintos (SENE, 2003, 108).

Na década 1960, surgiu um novo conceito na arqueologia marcada pela New Archaeology, que está fundamentada na escola Processual, que busca através dos vestígios materiais compreender a sociedade que os produziu (SILVA, 2004).

O Processualismo tem como base uma estrutura sistêmica de referência. O modelo de sistemas seria algo que consiste de partes conectadas dentro de um todo. O que conecta os componentes deste sistema particular são as ações entre três classes: homem, artefato e objeto natural. Assim, os componentes dos sistemas não são apenas os membros da sociedade, mas os artefatos que eles fazem ou que eles usam (incluindo os não materiais) e todos os objetos da natureza com os quais eles entram em contato (SILVA, 2004:29).

Esta nova linha de pesquisa na arqueologia teve como principal transformação o estudo das práticas funerárias, não mais visando determinar culturas, mas sim buscando entender essas práticas dentro do funcionamento social. Essas práticas passaram a ser percebidas como reflexo dos gerenciamentos internos de um grupo cultural, passando a ser estudada cada subsistema de forma separada (SILVA, 2004).

Este novo conceito da arqueologia Processual trouxe uma maior preocupação com relação a abordagem ecológica e com as modificações inclusa do contexto cultural. “O Processualismo considera também, os objetos criados pelo homem como parte de um sistema

simbólico estando de perfeito acordo com as necessidades enfrentadas por um grupo cultural” (SILVA, 2004: 30).

No Brasil, os trabalhos desenvolvidos na área da arqueologia das práticas funerárias, ainda não estabeleceu um campo consolidado, são desenvolvidas apenas áreas pontuais. Esses trabalhos abrangem aspectos culturais, como nas pesquisas desenvolvidas por: BECKER, 1994; KNEIP; MACHADO, 1993; MACHADO, 1983; MACHADO; SENE; SILVA, 1994; MARTIN; ASÓN, 2001; MARTIN, 1994, 2004; MONTADO, 1995; PESSIS, 2002; RIBEIRO, 2002; SENE, 1998; SILVA, 2004; TORRES, 1997. Além destes, não podemos esquecer dos trabalhos que utilizaram dados funerários (biológicos e da cultura material), como as pesquisas de identificação de gênero desenvolvidas SENE, 2007; SCHAAN, 2001, 2003; ALVES, 2003 (MENDONÇA apud CASTRO, 2009).

Para Castro (2009), tratar de vestígios funerários é entrar do campo da ritualidade, já que a estrutura funerária integra o ritual ou o conjunto de rituais praticados pelos vivos para se relacionarem com a morte. Carvalho (2001: 210), acredita que os rituais funerários estão associados a quatro elementos “o ar, com o cadáver exposto; a inumação no elemento terra, mais praticada; a imersão no elemento água e, finalmente, o elemento fogo, com a incineração, praticada já no Neolítico”. Para o autor, essas manifestações são uma forma que esses grupos encontraram para dominar simbolicamente a morte, de modo a negar suas limitações perante ela.

A prática funerária mais comum é o enterramento primário, depositando o corpo diretamente na cova, geralmente pouco profundas. Em alguns grupos são registrados o sepultamento secundário, que ocorre quando os ossos já sem carne são exumados e levados para serem submetidos a um novo funeral (CARVALHO, 2001).

Os enterramentos funerários geralmente eram acompanhados por um mobiliário fúnebre, que representava de forma simbólica e caracterizava a classe ou a posição social do defunto (CARVALHO, 2001).

É provável que flores, penas, agasalhos de pele e outros tenham acompanhado o corpo, mas restam-nos somente conchas, dentes de animais ou humanos, vértebras de peixes, pérolas, seixos, ossos, marfim como vestígios do mobiliário fúnebre, notadamente das culturas pré-históricas. Esses objetos formavam colares, braceletes, pendentes e anéis. Nos vasos funerários restos de comidas que permitiriam ao defunto empreender sua longa viagem (CARVALHO, 2001: 212).

Com base nos dados etnográficos, Van Gennep (2011) apresenta similaridades significativas entre as manifestações desenvolvidas durante os ciclos de vida de um indivíduo, e de que forma essas etapas interferem em suas obrigações perante o grupo ao qual pertence. Para o autor independente da sociedade a vida individual,

[...] consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, estas idades, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem para nossos ofícios a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias [...] (GENNEP, 1977 p. 26).

Maltzahn (2011) entende que os rituais apresentados por Gennep, demonstram uma sequência de atos e comportamentos codificados pelo mesmo que são transmitidos e repetidos por gerações. Essa herança passada de geração para a geração proporciona uma familiaridade e continuidade dos seus costumes e crenças, apesar que lhes são permitidos a modificação e transformação ao longo do tempo.

Em relação a morte, Van Gennep (2011) ressalta que à primeira vista parece que os ritos de separação são os mais importantes durante as cerimônias fúnebres, sendo que ao mesmo tempo os ritos de margem e de agregação seriam pouco desenvolvidos.

Entretanto para o autor os ritos de separação são muito mais simples e menos numerosos, enquanto os ritos de margem apresentam maior duração e complexidade, e por fim “de todos os ritos funerários aqueles que agregam o morto ao mundo do morto são os mais elaborados e a eles é que se atribui a maior importância” (VAN GENNEP, 2011: 128). O período de margem para os vivos sobreviventes seria o mesmo que o período de luto “no qual entram mediante ritos de separação e saem por ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto)”, o luto está diretamente ligado ao grau de parentesco entre os vivos e o morto, sendo que durante o período de margem ficam com suas vidas sociais suspensa (VAN GENNEP, 2011: 129).

Segundo o mesmo, em muitas populações, onde acredita-se que a morte faz parte de uma viagem, os sobreviventes têm a preocupação de prepara seus mortos de todos os objetos materiais necessários, como roupas, alimentos, armas e utensílios ou objetos mágico-religiosos (amuletos, signos, senhas, etc.), que lhes assegurara uma travessia tranquila e acolhimento prospero ao mundo dos mortos (VAN GENNEP, 2011).

Em suma, os ritos, tendo por objetivo reunir o cadáver aos dos membros de seu clã e muni-lo de que é necessário para a viagem e estadia no além-túmulo, são ao mesmo tempo profiláticos animistas (abertura na parede da casa, o

caixão, a cova, etc., impedem o retorno) e profiláticos de contágio (luto, banho, etc.) (VAN GENNEP, 2011:135).

O enterramento é um rito de agregação ao mundo dos mortos, porém o seu vínculo com os vivos fazem parte de um período de margem, que duram geralmente muito tempo, pois os vivos ficam renovando seus laços, no entanto sempre chega o momento em que esses laços são cortados pouco a pouco, para isso é realizada a última comemoração, onde acontece o rito de separação (VAN GENNEP, 2011).

4.0 RITUAIS FUNERARIOS NO JUSTINO

Neste capítulo, buscaremos apresentar os principais aspectos referente aos enterramentos do Sítio Justino. Inicialmente nossa pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico do material arqueológico de Xingó. Foram estudados os materiais publicados referentes ao período de escavação, principalmente temas relacionados a contextos funerários, foram selecionados trabalhos que abordassem especialmente o sítio Justino, o qual foi tema de nossa pesquisa.

Como já citado anteriormente a diagnose de sexo e idade dos sepultamentos identificados no Sítio Justino foi realizada por Carvalho (2006) e foi a principal referência para os trabalhos produzidos posteriormente. Diante disto, em um segundo momento de nossa pesquisa utilizamos as informações apresentadas por Carvalho (2007) em seu livro “Bioanthropologie des nécropoles de Justino e São Joé II, Xingó, Brésil” e os dados de Vergne (2005) em seu livro “Cemitérios do Justino- Estudos sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe” para a elaboração de tabelas (Anexo) referentes aos sepultamentos identificados nos cemitérios do Justino, onde consideraremos variáveis como sexo, idade e contextos funerários.

Com o desenvolvimento dessas tabelas buscaremos as mesmas informações que Sene (2003), onde a mesma trabalhou com a reconstituição dos rituais funerários dos grupos caçadores-coletores e horticultores que habitaram o sítio arqueológico Gruta do Gentio II. Em nossa pesquisa trabalharemos a partir dos dados dos cemitérios do Justino, com o objetivo de compreender os processos de continuidade e mudanças na pré-história desse sítio, em relação às práticas funerárias e seus respectivos significados.

Diante disto buscaremos como objetivos específicos, comparar aspectos como, sexo, idade e enxoval funerário dos enterramentos que integram os quatros cemitérios do Justino;

identificar possíveis mudanças no desenvolvimento dos sepultamentos e reunir informações de trabalhos acadêmicos que nos forneça dados referentes aos contextos funerários do sítio.

No desenvolvimento das tabelas utilizamos as mesmas abordagens que Vergne (2005), onde consideramos sexo (feminino; masculino; indeterminado); idade, determinadas como: Criança (0- 15 anos); adulto jovem (16- 34 anos); adulto com idade superior a 35 anos e idade indeterminada. Além das características do indivíduo, observaremos também a presença ou não de enxoval funerário, visando identificar possíveis variações em seus contextos, que possam estar relacionadas a questões de status, diferenciação social ou sexual desses indivíduos (SENE, 2003), presentes nas tabelas a baixo.

Como já foi citado anteriormente, o Sítio Justino é formado por quatro ocupações que ocorreram em períodos distintos, sendo uma correspondente a grupos caçadores-coletores e três a grupos horticultores. A primeira ocupação classificada como cemitério D, referente aos grupos caçadores-coletores, é formada por cinco (5) indivíduos, que corresponde a 4% do total. Em seguida no cemitério C foram evidenciados trinta e três (33) sepultamentos, equivalente a 24%, o cemitério B é formado por sessenta e cinco (65) sepultamentos, proporcional a 46%. Por fim, no período de ocupação mais recente temos o cemitério A, formado por trinta e sete (37) sepulturas, que corresponde a 26% do total de indivíduos que compõe o sítio (Gráfico 1).

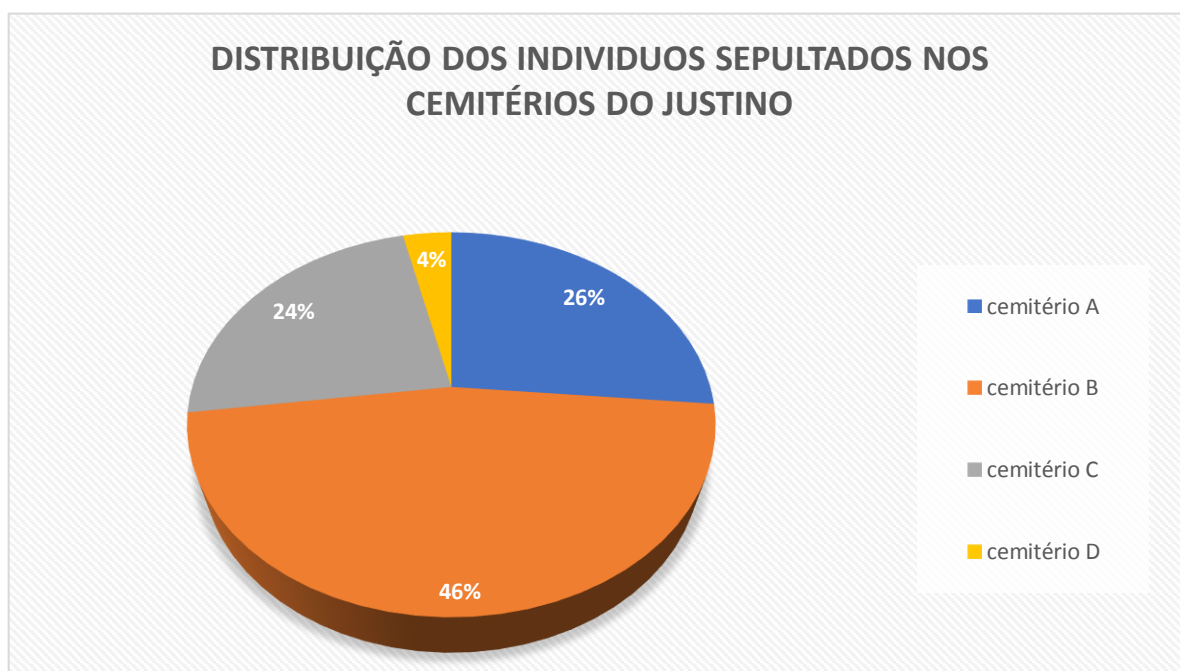


Gráfico 1: Porcentagem dos Indivíduos sepultados em cada cemitério do Justino

Com relação a diagnose de sexo do cemitério A, observamos uma predominância no enterramento dos indivíduos de sexo indeterminado, totalizando 46% do total de indivíduos sepultados. Em seguida, os sepultamentos do sexo masculino com 35% e por fim, com 19% estão os sepultamentos do sexo feminino.

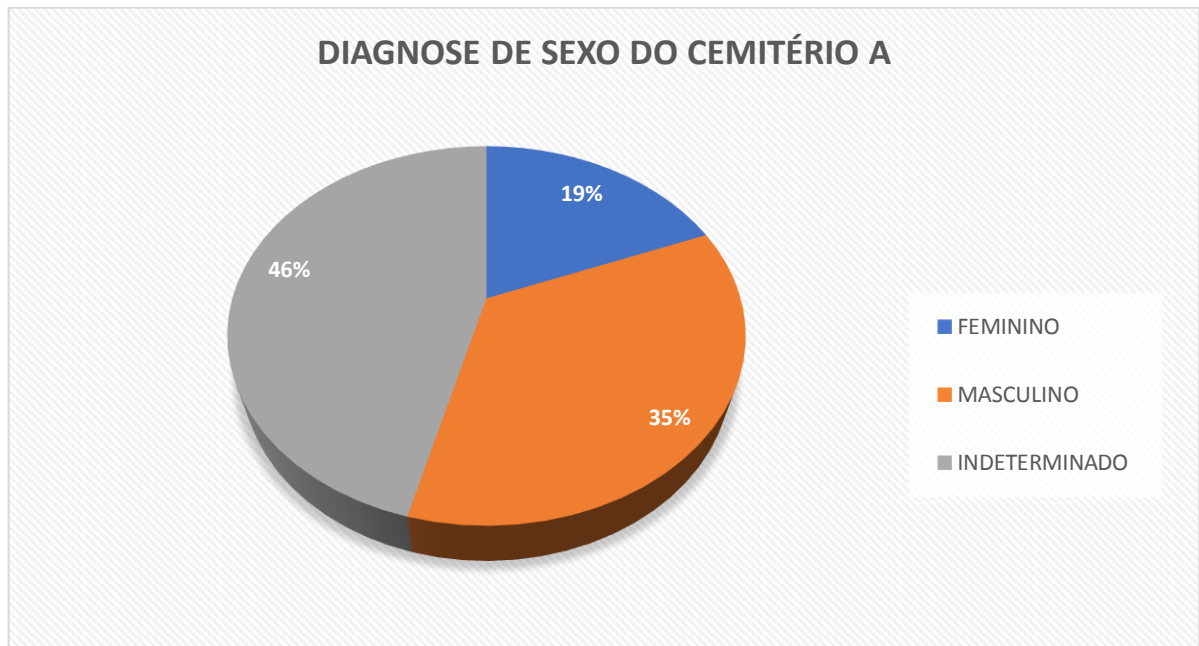


Gráfico 2: Diagnose de sexo do cemitério A

Já a idade dos indivíduos sepultados no cemitério A, em sua maioria pertencem adultos jovens, com idade entre 16 e 34 anos, ocupando uma porcentagem de 57% do total, em seguida os indivíduos com idade superior a 35 anos é representada por 27% e as crianças é formada por 16% (Gráfico 3).

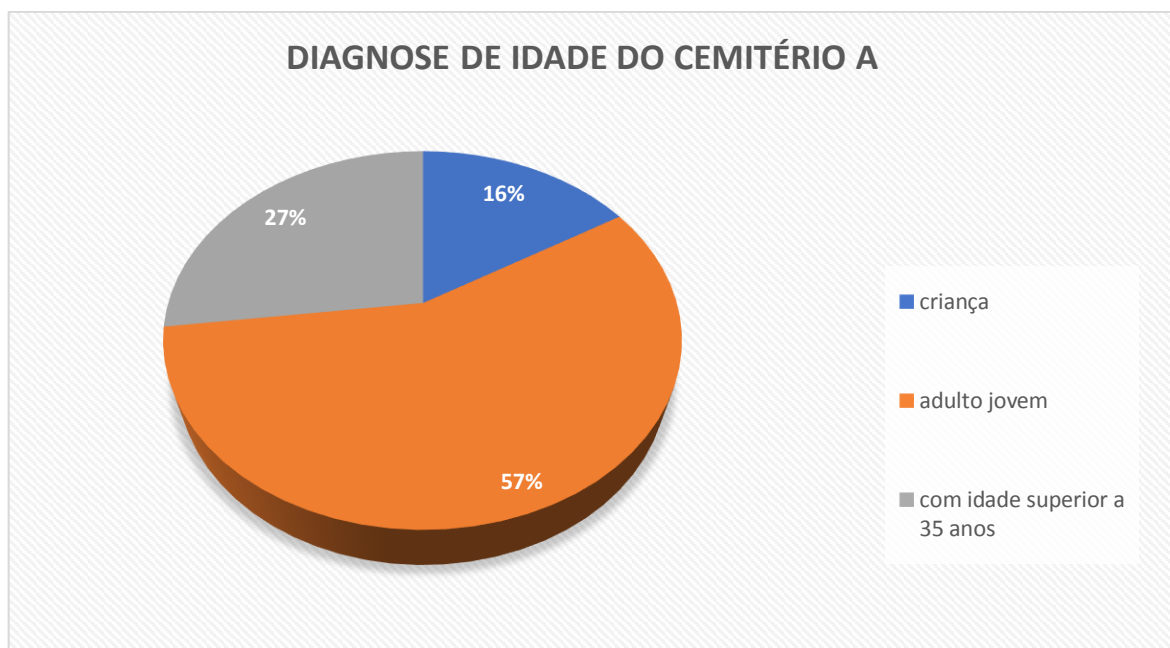


Gráfico 3: Diagnose de idade do cemitério A

No cemitério A, podemos observar uma predominância nos sepultamentos de indivíduos jovens do sexo masculino, totalizando 27 % dos enterramentos, seguido pelo sepultamentos de indivíduos jovens de sexo indeterminado 24%, criança ocupa 16%, inumações do sexo feminino com idades superior a 35 anos é formado por 14%, sexo masculino com idade superior a 35 anos é de 8% e do sexo indeterminado com idade superior a 35 anos é de 5% do total (Gráfico 4). Todos as sepulturas apresentaram acompanhamento funerário em sua maioria composto por material lítico, fragmentos ou peças cerâmicas, que se apresentou com menos ocorrência, e em apenas alguns poucos enterramentos ocorreram a presença de mais alguns elementos diferenciadores (onde classificamos na tabela de “outros”).

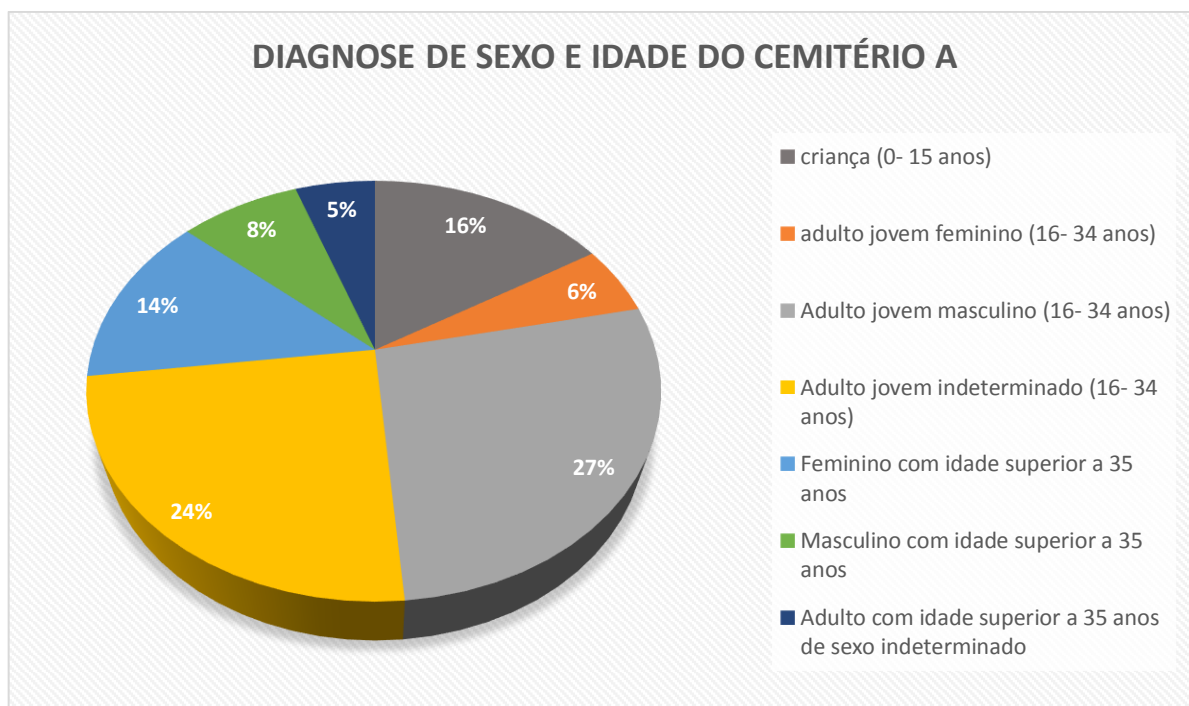


Gráfico 4: Diagnose de sexo e idade do cemitério A

No cemitério B, observamos uma predominância nos enterramentos de indivíduos do sexo masculino, com uma porcentagem de 45% dos sepultamentos, seguido dos enterramentos de sexo indeterminado com 40% e enterramentos de sexo feminino que ocupa uma porcentagem de 15% (Gráfico 5).

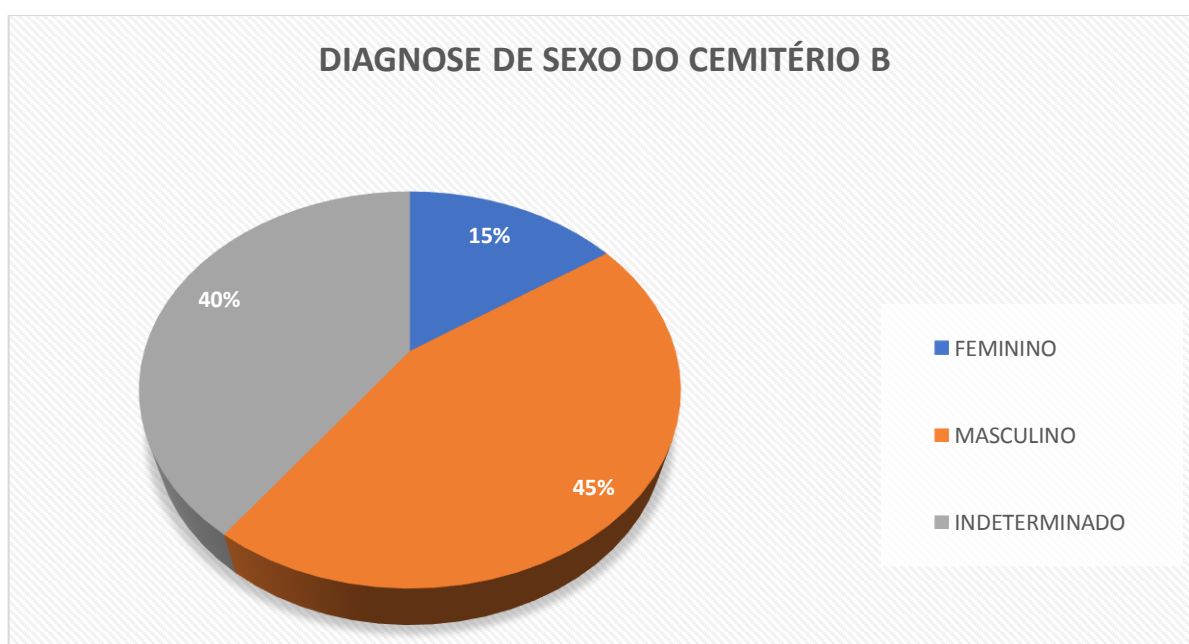


Gráfico 5: Diagnose de sexo do cemitério B

No que se refere a idade dos indivíduos sepultados no cemitério B, é sua maioria formado por adultos jovens (entre 16- 34 anos), seguido pelos sepultamentos com idade superior a 35 anos, com 25% e por fim pelos enterramentos infantis com 18% do total (Gráfico 6).

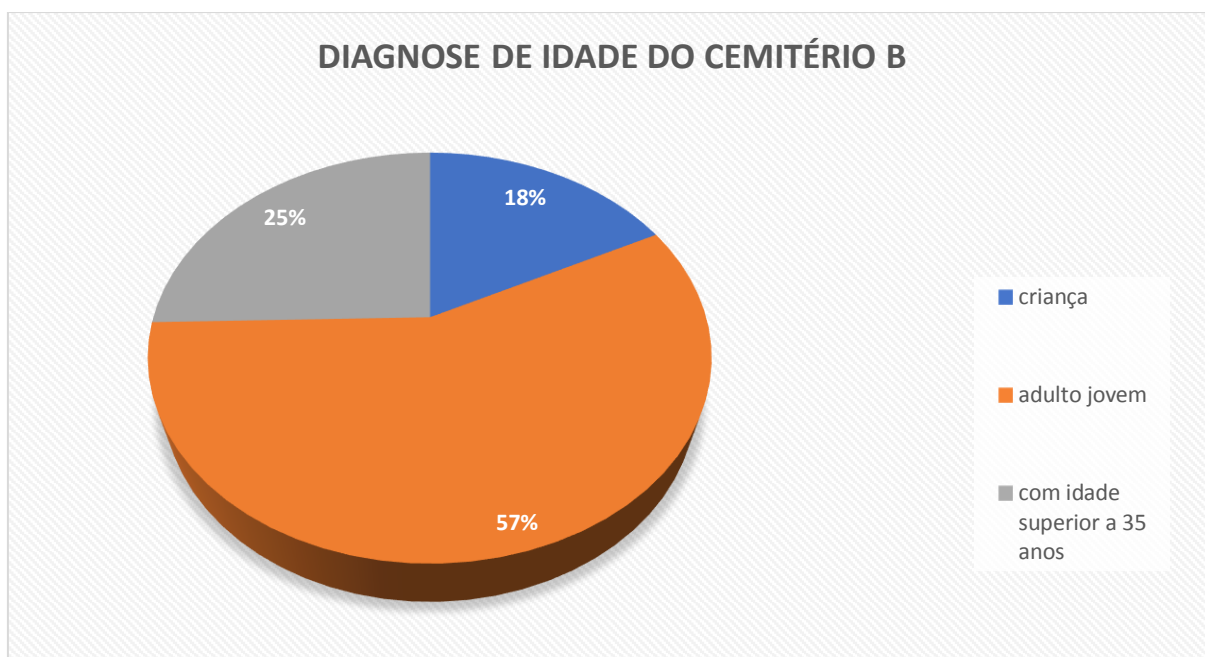


Gráfico 6: Diagnose de Idade do cemitério B

No cemitério B, os indivíduos adultos jovens do sexo masculino ocupa uma percentual de 28%, seguido por adultos masculinos com idade superior a 35 anos com 17%, criança 17%, adulto jovem de sexo indeterminado 15%, adulto jovem de sexo feminino 12%, adulto de sexo indeterminado com idade superior a 35 anos 5%, adulto com idade superior a 35 anos de sexo feminino 3% e dois enterramentos onde não foi possível determinar nem a idade nem o sexo, ocupando um percentual de 3% (Gráfico 7). Com relação ao acompanhamento funerário, em todos os sepultamentos ocorreram a presença de material lítico e vestígios cerâmicos, com algumas poucas presenças de vestígios diferenciadores.

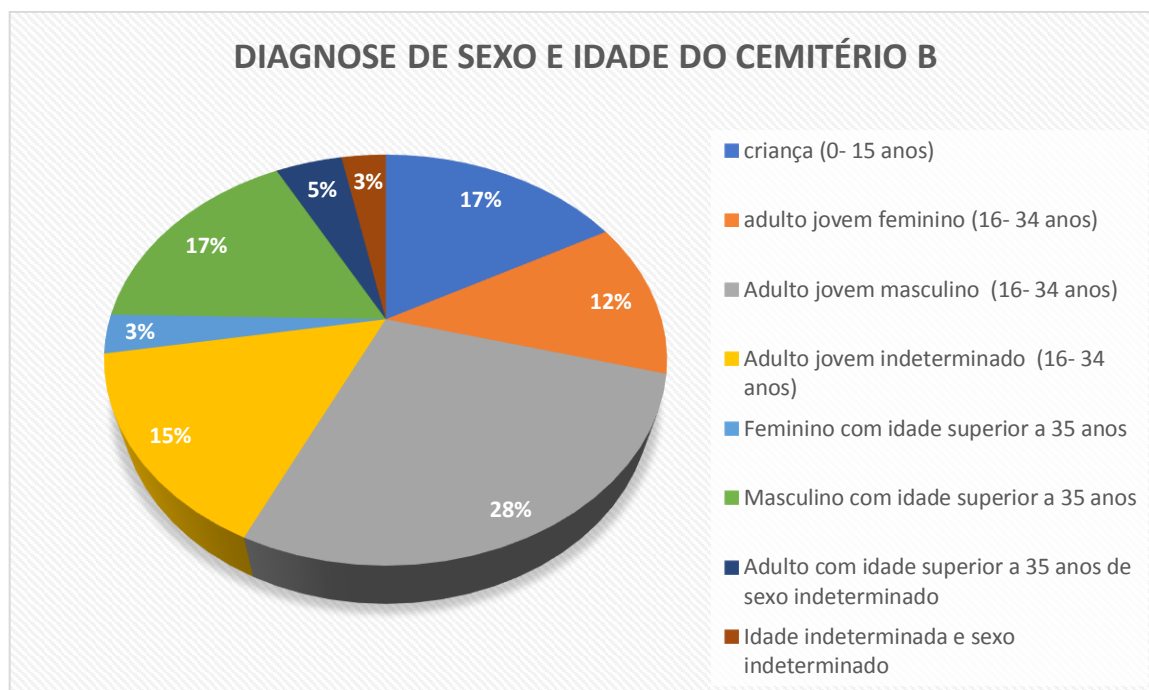


Gráfico 7: Diagnose de sexo e idade do cemitério B

No cemitério C, assim como no cemitério A, a maior porcentagem de sepultamentos é representada pelos os indivíduos de sexo indeterminado com 64%, seguido do sexo masculino com 24% e por fim com 12% estão os sepultamentos do sexo feminino (Gráfico 8).

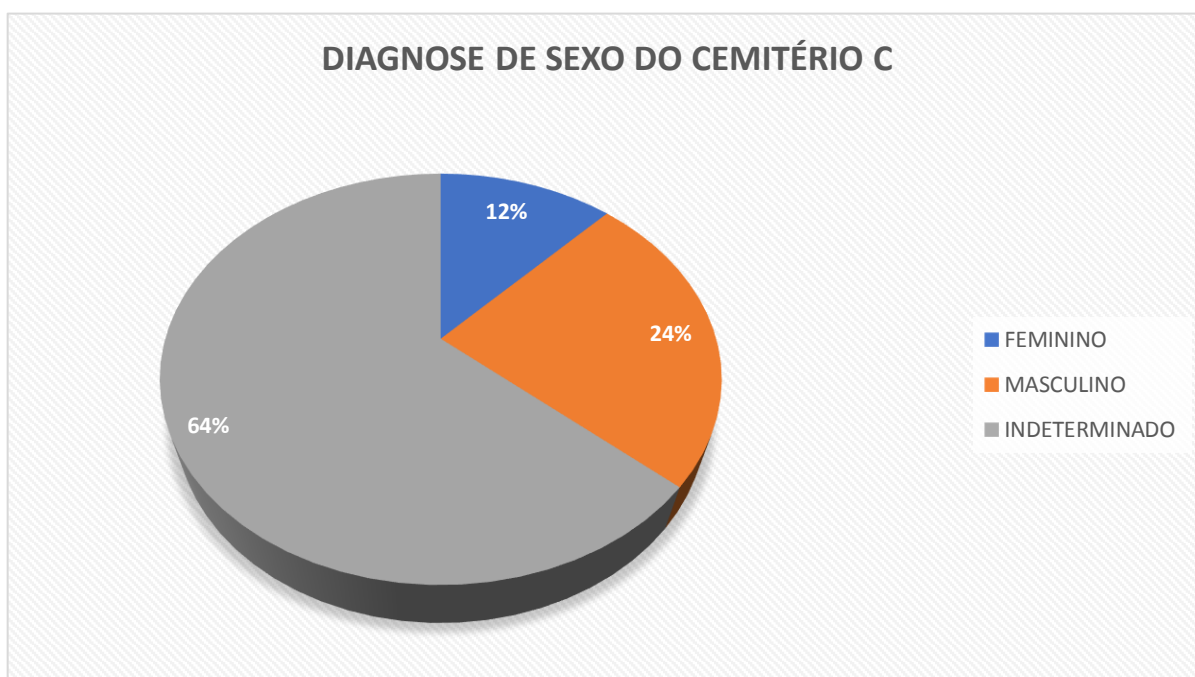


Gráfico 8: Diagnose de sexo do cemitério C

Com relação a idade dos indivíduos sepultados no cemitério C, como já foi citado anteriormente, em sua maioria é composto por sepultamentos de crianças totalizando 43%, seguido dos indivíduos adultos jovens com 39% e com idade superior a 35 anos ocupa um total de 18% (Gráfico 9).

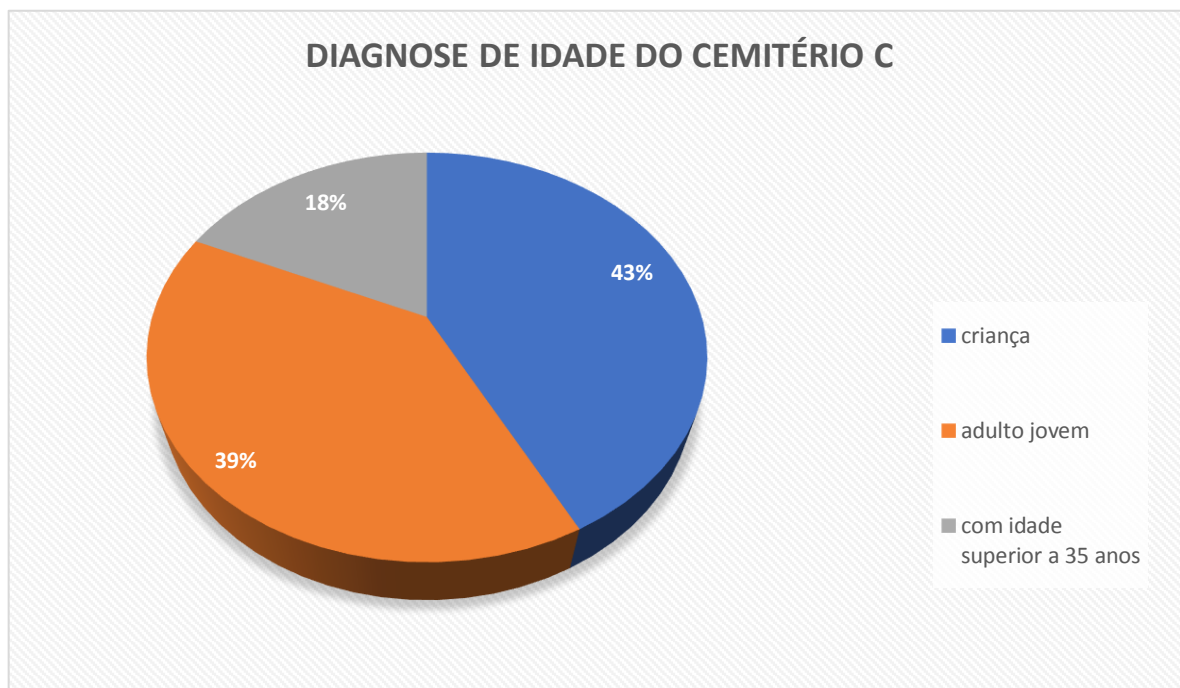


Gráfico 9: Diagnose de idade do cemitério C

No cemitério C a maior proporção é de sepultamentos de crianças que totaliza 43% do total, seguido por adultos jovens do sexo indeterminado 21%, adultos com idade superior a 35 anos de sexo masculino 15%, adulto jovem de sexo feminino 9%, adulto jovem de sexo masculino 9% e adultos com idade superior a 35 anos de sexo feminino 3% (Gráfico 10). Em todos os sepultamentos existe presença de enxoval funerário, composto por material lítico, em sua maioria ocorrência fragmentos ou vasos cerâmicos e alguns poucos elementos diferenciadores.

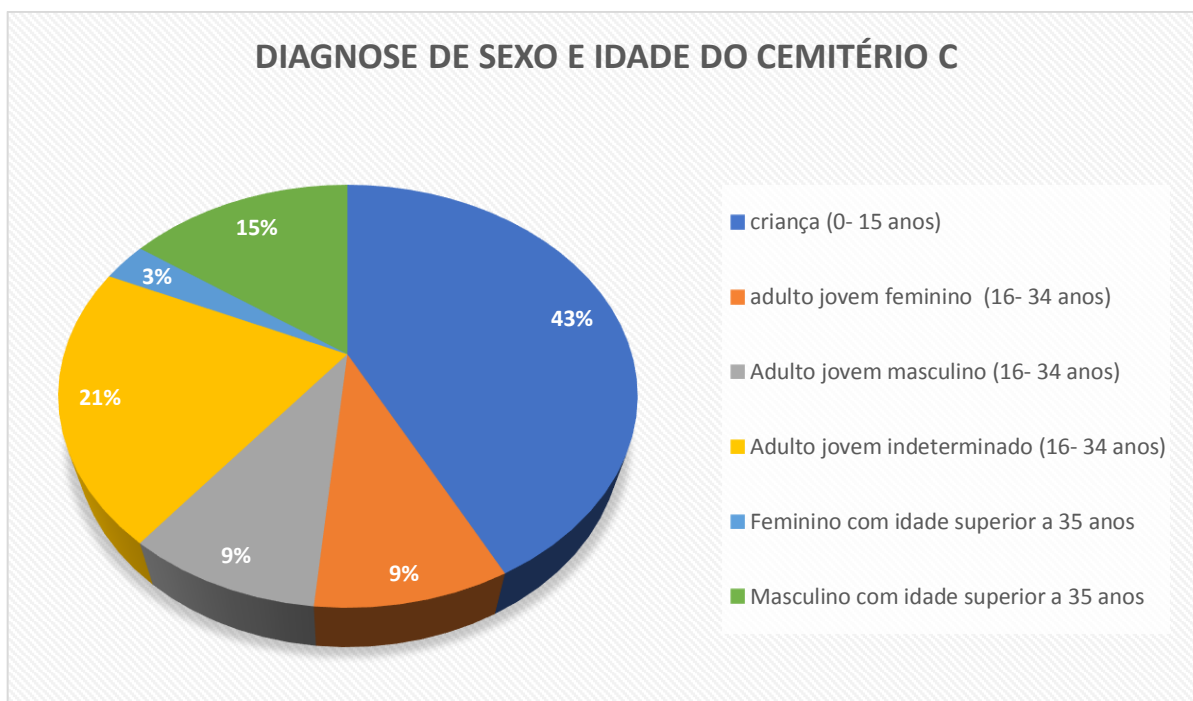


Gráfico 10: Diagnose de sexo e idade do cemitério C

No cemitério D, ocupação caçador-coletor, não existe muita ocorrência de sepultamentos, apenas cinco indivíduos foram identificados, sendo três do sexo masculino (60%) e dois do sexo feminino (40%) (Gráficos 11). Segundo os dados de Carvalho (2007) apenas um indivíduo do sexo masculino e um do sexo feminino foi possível determinar a idade, ambos com idade superior a 35 anos (Gráfico 12), os demais não foram possíveis determinar nem a idade nem o sexo (Gráfico 13). Todos acompanhados por um rico e diversificado enxoval funerário desenvolvido por material lítico.

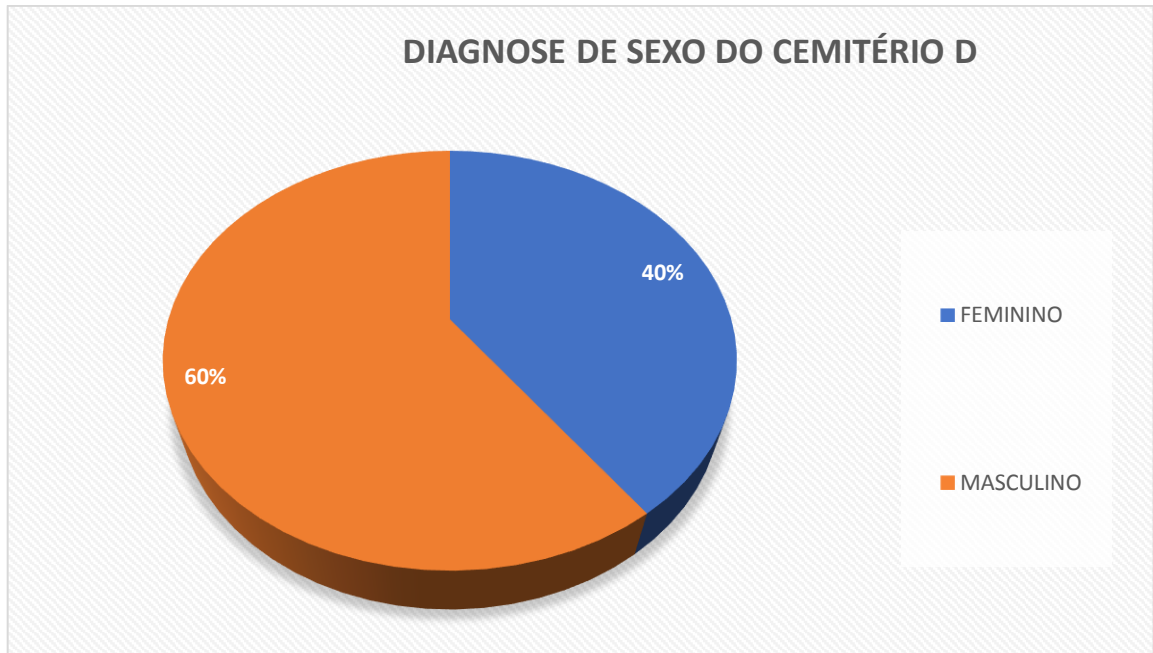


Gráfico 11: Diagnose de sexo do cemitério D

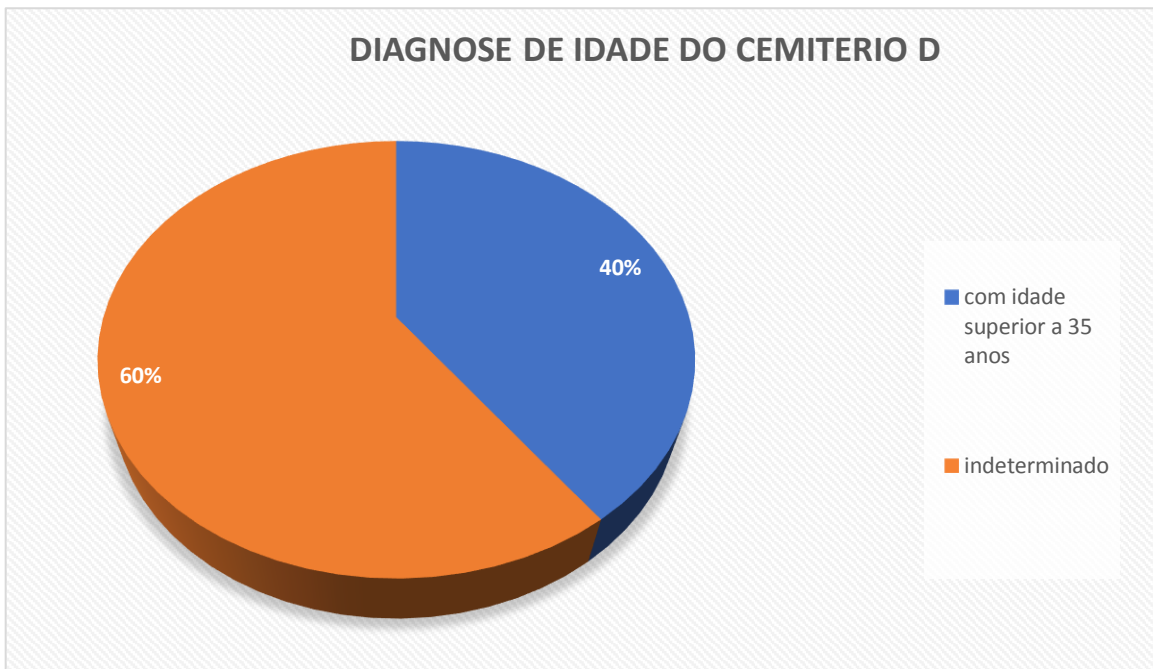


Gráfico 12: Diagnose de idade do cemitério D

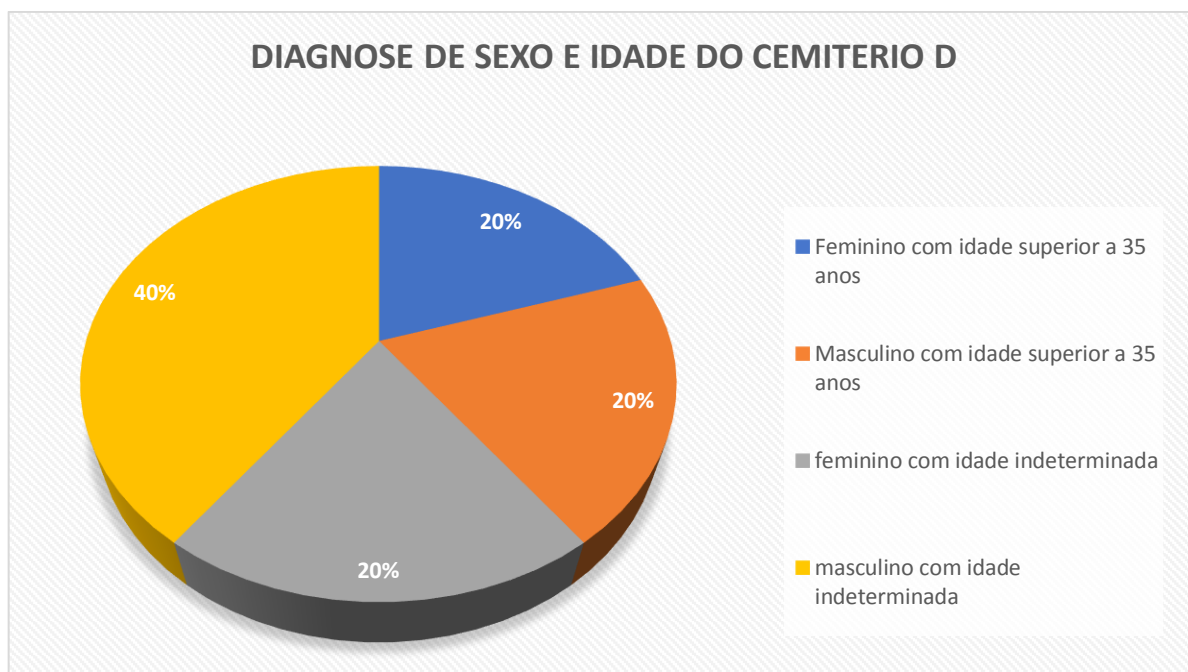


Gráfico 13:Diagnose de idade do cemitério D

No cemitério A, podemos observar uma predominância nos enterramentos de indivíduos jovens do sexo masculino, totalizando 27 % dos enterramentos, essa mesma influência se apresenta nos sepultamentos do cemitério B, que corresponde a 28%. Diferentes dos demais contextos dos grupos horticultores, no cemitério C os sepultamentos com características infantis são os que apresentaram maior porcentagem.

Quanto as diferenças sexuais observamos que os indivíduos do sexo masculino correspondem a 35% no cemitério A, 45% no cemitério B e 24% no cemitério C, todos correspondem aos grupos horticultores. Já no cemitério D, ocupação de grupos caçadores-coletores, entre os 5 enterramentos identificados apenas 3 são pertencentes aos indivíduos do sexo masculino. Os indivíduos do sexo feminino representam 19% no cemitério A, 15% no cemitério B, 12% no cemitério C e dois indivíduos no cemitério D. Quanto aos sexos indeterminados correspondem 46% no cemitério A, 40% no cemitério B e 64% no cemitério C. Quanto a criança ou adolescente a diagnose de sexo não é metodologicamente indicada, já que as características diagnósticas não estão completamente definidas na estrutura óssea.

No que se refere a distribuição de sexo no Sítio Justino, ele se apresenta composto por um total de 38% de enterramentos do sexo masculino, 46% de indivíduos de sexo indeterminado e 16% são do sexo feminino (Gráfico 14).

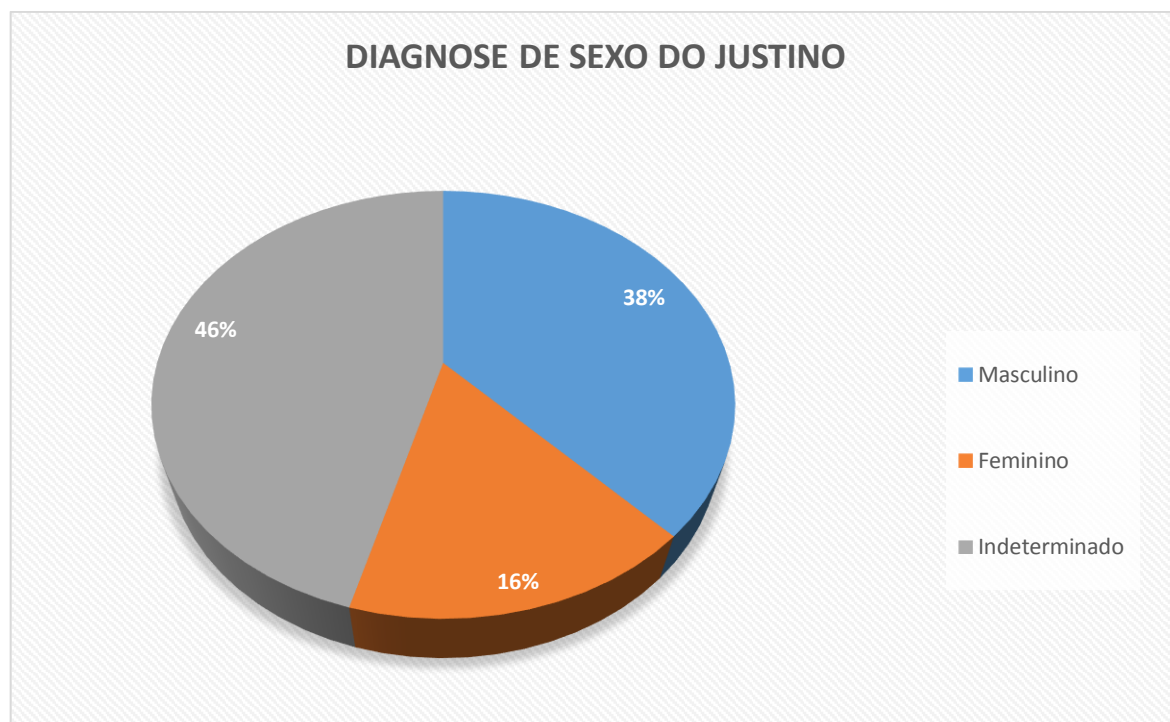


Gráfico 14: Diagnóstico de sexo do Sítio Justino

No que se refere à idade, constatou que as crianças representam 16% no cemitério A; 18% no cemitério B e 43% no cemitério C, quanto aos indivíduos adultos jovens ocupa 57% no cemitério A; 57% no cemitério B e 39% no cemitério C, já os sepultamentos determinados com idade superior a 35 anos representa 27% no cemitério A; 25% no cemitério B; 18% no cemitério C e 40% no cemitério D. O total destes enterramentos no Sítio Justino estar representado por 51% de adultos jovens, 25% de adultos com idade superior a 35 anos, 22% de sepultamentos infantis e 2% de indivíduos com idade indeterminada (Gráfico 15).

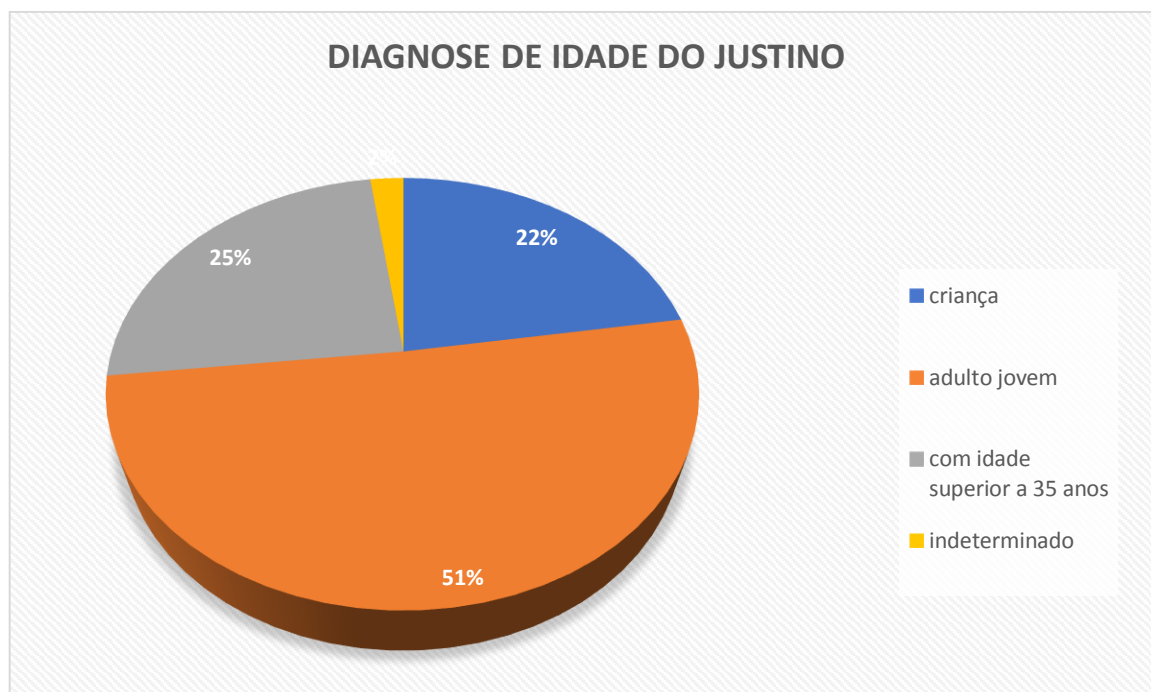


Gráfico 15: Diagnose de idade do Sítio Justino

Quanto ao sexo e idade do Sítio Justino em geral, podemos perceber uma maior predominância nos sepultamentos de indivíduos adultos jovens (entre 16- 34 anos), e de crianças, ambos com 22% do total, em seguida com 19% estão os adultos jovens com sexo indeterminado. Com uma porcentagem de 14% estão os indivíduos masculinos com idade superior a 35 anos, com 9% estão os sepultamos de adultos jovens do sexo femininos, seguido pelos enterramentos de adultos com idade superior a 35 anos do sexo feminino com 7%. Com uma porcentagem de 4% estão os indivíduos adultos com idade superior a 35 anos de sexo indeterminado. Por fim com uma porcentagem de 1% estão os enterramentos masculinos com idade indeterminada, feminino com idade indeterminada e os indivíduos com idade e sexo indeterminado.

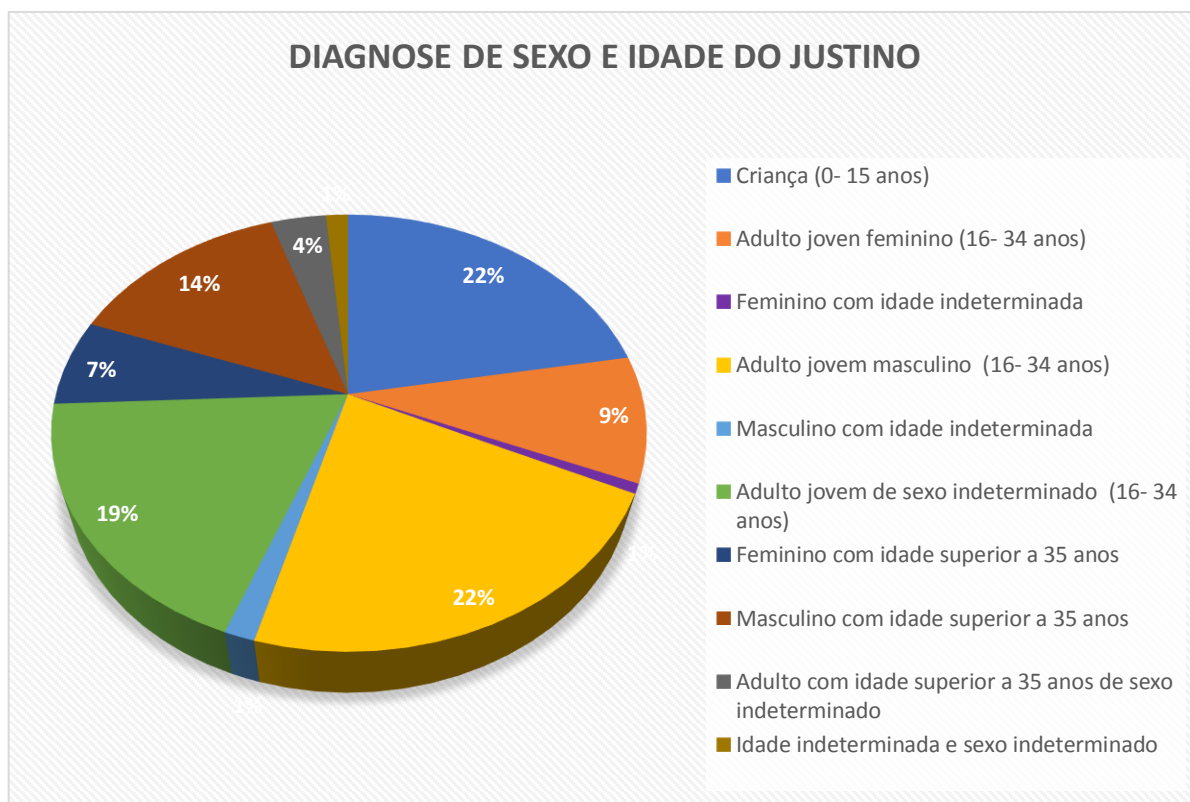


Gráfico 16: Diagnose de sexo e idade do Sítio Justino

Quanto ao enxoval funerário, no cemitério A teve 100% dos indivíduos ocorrência de material lítico associado, com 57% de material cerâmico e 8% de outros (ossos, cachimbo, etc.). No cemitério B tiveram 100% de material lítico, 100% de material cerâmico e 12% de outros. No cemitério C, 100% dos indivíduos sepultados tiveram associação de material lítico, 94% de material cerâmico e 21% de outros. No cemitério D, por se tratar de uma ocupação de grupos caçadores-coletores, 100% dos indivíduos identificados estavam associados a material lítico.

Nos quatros cemitérios ocorreram presença de indivíduos associados a objetos, com a função de acompanhamento funerário, geralmente esse contexto era composto por material cerâmico e lítico, entretanto em alguns destes houve ocorrência de alguns outros materiais, que como já citado anteriormente esse conjunto é formado por ossos, contas, cachimbos etc. Para apresenta-las, desenvolvemos a tabela a seguir:

SEPULTAMENTO	CEMITÉRIO	SEXO	IDADE	MATERIAL
5	A	masculino	adulto jovem	um colar de osso
23	A	indeterminado	entre 30- 39 anos	um colar de osso
41	A	indeterminado	entre 40- 49 anos	01 fragmento de colar em osso animal
48	B	indeterminado	entre 5- 9 anos	colar de conatas ósseas de aves
137	B	masculino	adulto jovem	01 colar de contas brancas
112	B	feminino	entre 30- 39 anos	01 colar de osso
142	B	indeterminado	entre 15- 19 anos	01 flauta de osso
118	B	masculino	entre 50- 59 anos	01 colar de osso; 01 flauta de osso; 01 fragmento de úmero de roedor
156	B	masculino	entre 40- 49 anos	01 colar de osso
119	B	masculino	entre 50- 59 anos	presença de esqueleto de animal completo (Galictis: furão)
114	B	feminino	entre 18- 29 anos	01 colar de osso
147	C	indeterminado	entre 5 - 9 anos	01 bracelete de búzio; ossos longos de ave
130	C	indeterminado	entre 10- 14 anos	01 cachimbo
133	C	indeterminado	entre 5 - 9 anos	01 cachimbo
136	C	indeterminado	entre 5 - 9 anos	01 cachimbo
144	C	masculino	adulto jovem	01 cachimbo
145	C	indeterminado	adulto jovem	01 cachimbo tubular
149	C	feminino	entre 18- 29 anos	01 cachimbo
160	D	feminino	entre 40- 49 anos	01 colar branco

Tabela 1: Sepultamentos com elementos diferenciadores (Fonte: Vergne, 2004)

É evidente que não será possível identificar todas as características dos rituais funerários produzidos por esses grupos, entretanto buscaremos apresentar algumas observações que nos permitam conhecer um pouco mais sobre seus sistemas sociais, tecnológico e ideológico.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho nos propomos a entender os processos culturais de mudanças e continuidade dos rituais funerários produzidos pelos grupos caçadores-coletores e os horticultores pré-históricos que ocuparam a região de Xingó, pontuando marcadores de identidade representadas pela materialidade que agregava as estruturas funerárias e pelo próprio indivíduo.

Diante deste objetivo, consideramos algumas variáveis, como número de indivíduos sepultados em cada cemitério que entrega o Sítio Justino, as diferenciações de diagnose de sexo, diagnose de idade e acompanhamentos funerários.

Com as informações levantadas a respeito dos indivíduos sepultados nos cemitérios do Justino, buscamos identificar um conjunto de ações comuns ou não entre esses grupos, que pudesse estar representado nos rituais funerários das populações caçadoras-coletoras e horticultoras.

As ocupações de grupos horticultores apresentam um número de indivíduos sepultados muito maior que as do grupo caçadores-coletores. Esses dados podem estar diretamente relacionados com o fato de que os grupos horticultores já possuíam um conhecimento prévio da agricultura e provavelmente o desenvolviam, mesmo que de uma forma rudimentar. Essa densidade demográfica dos grupos horticultores é consequência do processo de estabilidade e a prática da agricultura que resulta na diminuição de indivíduos que se deslocam na busca de suprimentos para o grupo.

Concordamos com Vergne (2004), quando a autora coloca que as práticas funerárias identificadas no Sítio Justino apresentam características diferentes, cada grupo escolheu elementos diferenciadores para que representasse sua individualidade. A cultura material desses grupos mostra que suas práticas funerárias eram diferentes e variadas, e não seguia uma ordem comum, ou seja, não existia uma regra para esses sepultamentos.

No horizonte caçador-coletor, cemitério D, nota-se uma predominância de sepultamentos adultos, entre eles encontra-se dois referentes a indivíduos do sexo feminino e três do sexo masculino. Apenas dois, dos cinco enterramentos, foi possível determinar a faixa etária, sendo um do sexo feminino e um do sexo masculino, ambos com idade estimada entre 40 e 49 anos. No entanto, o número de indivíduos encontrados é muito baixo quando comparado com os demais cemitérios.

A partir desses dados podemos inferir a valorização e a importância dos indivíduos mais velhos para a comunidade, pois esses sepultamentos apresentaram uma grande diversidade e quantidade de material associado. Esse tipo de tratamento é bastante comum entre os grupos pré-históricos brasileiros, geralmente são designados uma maior ação do grupo para estes sepultamentos, de modo que represente maior respeito a eles, devido a sabedoria que possuíam.

Segundo Binford (apud SENE, 2003) quanto maior a importância do indivíduo, maior será o envolvimento da comunidade e maior o dispêndio de energia na realização da cerimônia mortuária, o que parece ter sido o caso dos enterramentos supracitados.

Concordamos com Vergne (2005b) quando a mesma coloca que o conjunto funerário do cemitério D era formado por lâminas polidas em todos os sepultamentos; núcleos em todos os sepultamentos; ocre em todos os sepultamentos; artefatos (raspadores e lascas retocadas) em todos os sepultamentos; e os tembetás em amazonita ocorreram apenas nos sepultamentos femininos, sendo neste caso um diferenciador de gênero deste grupo.

Essas diferenças podem indicar uma maior valorização aos indivíduos do sexo feminino, possivelmente por terem pertencido a famílias com maior influência ou status, que foram passados através do casamento ou herança passada de pai para filha, ou simplesmente eram utilizadas como diferenciadores de gênero, como parece ser neste contexto.

Entretanto entendemos que os objetos que são enterrados com os mortos são resultados das escolhas dos vivos que organizam seu sepultamento, isso não significa que seja exatamente a representação de status, mas sim objetos que tinham algum valor para o indivíduo enquanto estava vivo. Quanto maior for a importância do indivíduo perante sua sociedade, maior será o envolvimento do grupo na preparação da cerimônia funerária.

Segundo os dados Vergner (2005b), no horizonte horticultor, os acompanhamentos funerários apresentam-se mais diversificados do que no horizonte caçador-coletor. Segundo a mesma no cemitério A, B e C os sepultamentos que apresentaram maior complexidade na cultura material associada foram os masculinos com idade superior a 35 anos.

Entretanto a maior porcentagem de enterramentos no cemitério A e B correspondem aos indivíduos adultos jovens do sexo masculino, que apesar de expor enxoval funerário diversificado, não apresentam grandes modificações, se comparado aos demais. Já no cemitério A e C essa porcentagem refere-se aos sepultamentos infantis, que diferente do cemitério A e B apresentavam um acompanhamento funerário mais simples. Nesta ocupação há uma maior

diversidade e quantidade nos vestígios funerários das sepulturas infantis que os diferenciam dos outros cemitérios (VERGNE, 2005b).

No cemitério C, os contextos funerários das sepulturas infantis e dos adultos jovens são bastante semelhantes, diferente dos cemitérios A e B, não há muita distinção entre o material associados a esses sepultamentos. Com isso podemos entender que esse grupo possuía um tratamento diferenciado para esses enterramentos, que poderia estar diretamente relacionada com status herdado de seus familiares, pois nesta idade provavelmente eles ainda não possuíam tal importância perante seu grupo.

O desenvolvimento desta pesquisa nos possibilitou constatar características semelhantes e diferentes nos rituais realizados nas quatro ocupações do Sítio Justino. A partir dos dados recolhidos e das tabelas produzidas (Anexo) podemos concluir que as práticas funerárias observadas nos cemitérios do Justino se manifestam de diferentes maneiras em cada ocupação. Cada grupo elegeu seus elementos diferenciadores para representar suas identidades, sexo ou o status dos indivíduos perante o grupo ao qual pertencia, entretanto, esses objetos associados representavam na sua maioria uma identidade coletiva, geralmente representada por material lítico, cerâmico, cachimbo, adornos, ossos animais e contas.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, M. **Ocupação Tupiguarani no Estado de Pernambuco. CLIO, Série Arqueológica.** Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro-1987, Recife: UFPE, v.1, n. 4, 1991a. Número extraordinário.

CARDOSO, C.E. **A Aplicação de Resina Consolidante e a Arqueofauna nas Práticas Funerárias do Sítio Arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil.** Dissertação de Mestrado – Núcleo de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.

CARVALHO, F. L. **Revista do museu de Xingó**, v. 1, Dezembro, 2001.

CARVALHO, F. L. **A pré-história sergipana**, Max/UFS, 2003.

CARVALHO, O. A. **Bioanthropologie des nécropoles de Justino e São José II, Xingó, Brésil/** Olivia Alexandre de Carvalho. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2007. 407p.

CASTRO, V. M. C. de. **Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil.** Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CISNEIROS, D. **Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil.** 2004. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

CRUZ, J. S. da. **Práticas educativas dos ritos de iniciação: um estudo comparado nas religiões monoteístas.** Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016

DANTAS, V. J. **Pausa para um banquete: análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe.** Dissertação de Mestrado – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.

DE SANTANA, A. D. D. 2013. **Datação por Radiocarbono-AMS do Sítio Arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe.** Dissertação (Mestrado em Geologia). Aracaju. Universidade Federal de Sergipe

DINIZ, J. F. **O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco**. Aracaju, Universidade Federal de Sergipe/CHESF, Petrobras, 1998, 28p.

FAGUNDES, M. 2007b. **Sistema de assentamento e Tecnologia Lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil**. Tese de Doutorado, MAE/USP.

FAGUNDES, M. 2010a. **Entendendo a Dinâmica Cultural em Xingo na Perspectiva Inter Sítios: Industrias Líticas e os Lugares Persistentes no Baixo vale do Rio São Francisco, Nordeste do Brasil**. Arqueologia Iberoamericana, v. 6, pp. 3–23. <http://www.laiesken.net/arqueologia/>

FAGUNDES, M. **Análise Intra-Sítio Do Sítio Justino, Baixo São Francisco – As Fases Ocupacionais**. SAB. Revista de Arqueologia. Vol.23 - n.268-97 – 2010b.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUNA, S. **As pesquisas Arqueológicas sobre Cerâmica no Nordeste do Brasil**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, nº 8, 2006.

LUNA, S. C. A. **Os Grupos Pré-históricos do Baixo São Francisco**. CLIO. Série Arqueológica (UFPE), Recife, v. 2, p. 4, 2005

LUNA, S. ALVES, C. NASCIMENTO, A. A **Cerâmica Pré-histórica no Nordeste Brasileiro**. CLIO- Serie Arqueológica nº 6, 1990

LUNA, S.; SANTOS J. O.; NASCIMENTO, A.; MUNITA, C. J. A. S.; VALÉRIO, M. E. **Caracterização química da cerâmica do sítio Justino - Xingó, SE**. XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira - Arqueologia da América Latina, At São Paulo, SP, Brasil, Volume: 1. Jan. 2003.

MALTZAHN, G.M. **Família, ritual e ciclos de vida: Estudo Etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS)**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Ciências sociais. Universidade Federal de Pelotas (UFPel). 2011.

MARTIN, G. **O povoamento pré-histórico do vale São Francisco (Brasil)**. Revista Clio nº 13, 1998.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5ª ed. Recife, Ed da UFPE, 2008.

DÍAZ MERINO, X. A. **Pablo Neruda e o processo migratório como "rito de passagem"**. In: II Simpósio Internacional de Letras Neolatinas, 2007, R.J.. Culturas, Discursos e Poder: Homenagem aos quarenta anos de publicação de cem anos de solidão. R.J.: Faculdade de Letras da UFRJ, 2007. v. 1. p. 57-57

NEUMANN, M. A. **Questões metodológicas para a análise das marcas de uso na cerâmica Guaraní arqueológica**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 8: 225-230, 2009.

NAMUHOLOPA, O. M. F. **O Papel dos Ritos de Iniciação na Comunidade Yyaawo: caso da cidade de lichinga-moçambique**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

SANTOS, A. M. **Estudo dos remanescentes humanos do Acervo Arqueológico do Museu de Arqueologia de Xingó/MAX, em Canindé do São Francisco, Sergipe, Brasil: Sepulturas com cerâmicas do Sítio Justino**. Monografia apresentada ao Curso de Arqueologia Bacharelado da Universidade Federal de Sergipe, UFS. Laranjeiras, 2011.

SENE, G. A. M. **Rituais funerários e processos culturais: os caçadores - coletores e horticultores pré-históricos do nordeste de Minas Gerais**. Revista Canindé, Xingó, nº 3, Dez. 2003, p. 105 -134.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 161 pp. 2002.

SILVA, D. C. **Práticas Funerárias na Pré-história do Nordeste do Brasil. Programa de pós-graduação em História, Centro de Filosofia e Ciência Humanas**. Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

SILVA, J.A. **O Corpo e os Adereços: Sepultamentos Humanos e as Especificidades dos Adornos Funerários**, monografia UFS, São Cristóvão 2013.

SILVA, J. A. **Ambientes Funerários e a Contribuição para Novas Leituras Arqueológicas: Adornos em sepulturas humanas do sítio Justin/ SE, como evidências do contato Nativo**

Americano/ Europeu. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – PROARQ. Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

SILVA, S.F.S.M. Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral de Estado de São Paulo. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. USP, 2005.

VERGNE, M. C. S. Complexidade social e ritualidade funerária em Xingó: Apontamentos teóricos para compreensão das práticas mortuárias do Sítio Justino, Canindé de São Francisco - SE. Revista Canindé, São Cristovão. nº 9, jun. 2007, p. 11- 24.

VERGNE, M.C.S. Cemitérios do Justino – estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe, MAX, 2005.

VERGNE, M.C.S. Os Rituais Funerários dos Cemitérios D e C – Sítio Justino, Canindé de São Francisco, Área Arqueológica de Xingó, Sergipe. Canindé, Xingó, nº 5, Junho de 2005b.

VILHENA, M. A. Ritos: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.

ANEXO

Anexo 1

Tabela dos Sepultamentos do Cemitério A do Sítio Justino

CEMITÉRIO A					
SEPULTURA	SEXO	IDADE	ACOMPANHAMENTO FUNERÁRIO		
			Lítico	cerâmica	outros
53	indeterminado	entre 5- 9 anos	x		
29	indeterminado	entre 10- 14 anos	x		
4	indeterminado	infantil	x	x	
89	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
30	indeterminado	entre 1- 4 anos	x		
26	indeterminado	entre 15- 19 anos	x	x	
13	masculino	entre 30- 39 anos	x		
63	masculino	entre 50- 59 anos	x		
5	masculino	adulto jovem	x	x	um colar de osso
1	masculino	adulto jovem	x	x	
39	masculino	adulto jovem	x	x	
36	masculino	adulto jovem	x	x	
61	masculino	adulto jovem	x		
49	masculino	entre 18- 29 anos	x	x	
24	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
3	feminino	adulto jovem	x		
40	feminino	adulto jovem	x	x	
37	indeterminado	adulto jovem	x		
17	indeterminado	adulto jovem	x		
31	indeterminado	entre 30- 39 anos	x	x	
25	indeterminado	entre 40- 49 anos	x		
19	masculino	adulto jovem	x	x	
23	indeterminado	entre 30- 39 anos	x	x	um colar de osso
138	indeterminado	adulto jovem	x	x	
71	indeterminado	adulto jovem	x	x	
62	indeterminado	adulto jovem	x		
22	indeterminado	adulto jovem	x		

34	masculino	entre 40- 49 anos	x	x	
45	masculino	entre 18- 29 anos	x		
33	masculino	entre 40- 49 anos	x	x	
21	feminino	superior a 35 anos	x		
43	feminino	entre 50- 59 anos	x	x	
50	feminino	entre 40- 49 anos	x	x	
10	feminino	entre 50- 59 anos	x	x	
41	indeterminado	entre 40- 49 anos	x		01 fragmento de colar em osso animal
32	indeterminado	entre 30- 39 anos	x		
6	feminino	entre 40- 49 anos	x	x	

Anexo 2

Tabela dos Sepultamentos do Cemitério B do Sítio Justino

CEMITÉRIO B					
SEPULTURA	SEXO	IDADE	ACOMPANHAMENTO FUNERÁRIO		
			Lítico	cerâmica	Outros
48	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	colar de conatas ósseas de aves
164	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	
165	indeterminado	entre 0- 1 ano	x	x	
68	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	
56	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	
58	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
110	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	
140	indeterminado	infantil	x	x	
139	masculino	entre 18- 29 anos	x	x	
85	masculino	entre 18- 29 anos	x	x	
93	masculino	entre 18- 29 anos	x	x	
72	masculino	adulto jovem	x	x	
91	masculino	adulto jovem	x	x	

137	masculino	adulto jovem	x	x	01 colar de contas brancas
141	masculino	adulto jovem	x	x	
99	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
73	masculino	adulto jovem	x	x	
131	masculino	adulto jovem	x	x	
76	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
132	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
152	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
86	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
70	feminino	entre 18- 29 anos	x	x	
51	feminino	adulto jovem	x	x	
46	feminino	adulto jovem	x	x	
116	feminino	adulto jovem	x	x	
75	feminino	adulto jovem	x	x	
112	feminino	entre 30- 39 anos	x	x	01 colar de osso
103	feminino	adulto jovem	x	x	
47	indeterminado	entre 15- 19 anos	x	x	
60	indeterminado	adulto jovem	x	x	
117	indeterminado	adulto jovem	x	x	
57	indeterminado	entre 15- 19 anos	x	x	
100	indeterminado	entre 30- 39 anos	x	x	
155	indeterminado	entre 18- 29 anos	x	x	
92	indeterminado	entre 18- 29 anos	x	x	
82	indeterminado	entre 18- 29 anos	x	x	
59	indeterminado	adulto jovem	x	x	
104	indeterminado	entre 30- 39 anos	x	x	
101	indeterminado	adulto jovem	x	x	
167	indeterminado	adulto jovem	x	x	
142	indeterminado	entre 15- 19 anos	x	x	01 flauta de osso
38	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
54	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	

18	feminino	entre 40- 49 an0s	x	x	
111	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
67	masculino	superior a 35 anos	x	x	
118	masculino	entre 50- 59 anos	x	x	01 colar de osso; 01 flauta de osso; 01fragmento de úmero de roedor
156	masculino	entre 40- 49 an0s	x	x	01 colar de osso
109	masculino	entre 50- 59 anos	x	x	
90	masculino	superior a 35 anos	x	x	
113	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
119	masculino	entre 50- 59 anos	x	x	presença de esqueleto de animal completo (galictis: furão)
87	masculino	entre 30- 39 anos	x	x	
95	masculino	entre 40- 49 an0s	x	x	
66	masculino	entre 40- 49 an0s	x	x	
44	masculino	superior a 35 anos	x	x	
69	feminino	entre 40- 49 an0s	x	x	
81	masculino	entre 18-29 anos	x	x	
114	feminino	entre 18- 29 anos	x	x	01 colar de osso
88	indeterminado	superior a 35 anos	x	x	
102	indeterminado	entre 40- 49 an0s	x	x	
166	indeterminado	entre 40- 49 an0s	x	x	
153	indeterminado	indeterminado	x	x	
154	indeterminado	indeterminado	x	x	

Anexo 3

Tabela dos Sepultamentos do Cemitério C do Sítio Justino

CEMITÉRIO C					
SEPULTURA	SEXO	IDADE	ACOMPANHAMENTO FUNERÁRIO		
			Lítico	cerâmica	outros
147	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	01 bracelete de búzio; ossos longos de ave
106	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
148	indeterminado	cerca de 5 anos	x	x	
121	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
79	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
120	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
130	indeterminado	entre 10- 14 anos	x	x	01 cachimbo
84	indeterminado	cerca de 5 anos	x	x	
133	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	01 cachimbo
136	indeterminado	entre 5- 9 anos	x	x	01 cachimbo
157	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
115	indeterminado	entre 1- 4 anos	x	x	
124	indeterminado	infantil	x	x	
162	indeterminado	entre 6- 9 anos	x		
108	masculino	entre 18- 29 anos	x	x	
107	masculino	entre 50- 59 anos	x	x	
144	masculino	adulto jovem	x	x	01 cachimbo
83	masculino	entre 18- 29 anos	x	x	
134	feminino	entre 18- 29 anos	x	x	
126	feminino	adulto jovem	x	x	
125	indeterminado	entre 30- 39 anos	x	x	
135	indeterminado	adulto jovem	x		
145	indeterminado	adulto jovem	x	x	01 cachimbo tubular
77	indeterminado	adulto jovem	x	x	
151	indeterminado	adulto jovem	x	x	
143	indeterminado	adulto jovem	x	x	

146	indeterminado	adulto jovem	x	x	
128	masculino	superior a 35 anos	x	x	
96	masculino	entre 50- 59 anos	x	x	
105	masculino	superior a 35 anos	x	x	
97	masculino	superior a 35 anos	x	x	
149	feminino	entre 18- 29 anos	x	x	01 cachimbo
123	feminino	entre 50- 59 anos	x	x	

Anexo 4

Tabela dos Sepultamentos do Cemitério D do Sítio Justino

CEMITÉRIO D					
SEPULTURA	SEXO	IDADE	ACOMPANHAMENTO FUNERÁRIO		
			Lítico	cerâmica	outros
160	feminino	entre 40- 49 anos	x		01 colar branco
161	feminino	indeterminado	x		
158	masculino	entre 40- 49 anos	x		
159	masculino	indeterminado	x		
163	masculino	indeterminado	x		